

Correio das Artes

ANO
LXXIV

Nº
11



Janeiro
R\$ 12,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.



A sutil arte de um editor de livros

Suplemento
literário
do Jornal A União
2024

Um retrato do trabalho feito por quem dá vida às aspirações do autor, e os desafios frente ao mundo digital, como a utilização de inteligência artificial

VOCÊ, AUTOR PUBLICADO

marketing EPC



Junte-se ao melhor da literatura paraibana.
Publique seu livro na **Editora A União**.

Da avaliação do original, passando pela edição, revisão, diagramação, até finalizar com a impressão, realizamos o trabalho completo de transformação do seu texto em obra e, claro, de você em autor publicado.

Entre em contato e agende uma conversa:
(83) 99363-7083



EDITORA
A UNIÃO

Afinal, o que faz um editor?

A crítica pode não ter gostado muito, mas o filme *O Mestre dos Gênios* (2016), de Michael Grandage, estrelado por Colin Firth e Jude Law, mostra um mundo invisível ao leitor de livros: a relação entre o escritor e o editor - na trama, esse encontro se dá entre o editor Max Perkins (Firth) e o escritor Thomas Wolfe (Law) - não o autor de *A Fogueira das Vaidades*, mas um homônimo.

Começamos o ano de 2024 trazendo ao leitor do *Correio das Artes* um pouco desses bastidores a partir dos nossos próprios editores, aqui de João Pessoa, Campina Grande e Cajazeiras, partindo do básico: o que faz um editor de livros?

Pela opinião dos nove editores ouvidos pela reportagem, pode-se concluir que o serviço vai além de orientar a diagramação, editoração, escolha do papel, capa, cores, fonte, ilustrações etc.: vai também de uma relação extremamente íntima e, ao mesmo tempo, profissional com o autor da obra. Afinal, a leitura crítica por parte do editor é fundamental para o resultado da obra.

“Somos um pouco parteiros, que têm

Pela opinião dos nove editores ouvidos pela reportagem, pode-se concluir que o serviço vai além de orientar a diagramação, editoração, escolha do papel, capa, cores, fonte, ilustrações etc.: vai também de uma relação extremamente íntima e, ao mesmo tempo, profissional com o autor da obra

uma relação privilegiada com a criança e com a mãe”, resume o escritor Tiago Germano, agora alçado a condição também de editor, à frente da recém-lançada Matria Editora.

Nossa repórter Alexsandra Tavares vai mais além e inclui, na conversa, a relação que os editores do século 21 têm com a tecnologia. Em novembro do ano passado, o Prêmio Jabuti desclassificou o livro *Frankenstein*, que havia chegado à final do concurso, por uso de Inteligência Artificial. Em 2022, a editora Clube de Literatura Clássica anunciou a nova edição do romance de Mary Shelley como o primeiro livro totalmente ilustrado por IA, e a edição chegou à final justamente na categoria Ilustração.

Pode um trabalho feito por humanos competir com outro feito integralmente através de um *software*? Essa é uma das questões que move o mercado editorial nos dias de hoje, junto com outras abordagens tecnológicas, como o uso da “vaquinha virtual” para financiar a publicação de livros.

Então, boa leitura!



SECRETARIA DE ESTADO
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV



André Cananéia
Editor do Correio das Artes

Paulo Sérgio
Diagramação

Domingos Sávio
Arte da capa

Tonio
Ilustrações

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

índice

18 / coluna

Tiago Germano comenta a dicotomia com a qual Louis Hay define os tipos de escritores: os programáticos e os processuais. “Cada um de nós tem um pouco de cada um deles”, afirma o colunista.

20 / livro

Sérgio C. Buarque passou anos escrevendo, em silêncio, o livro ‘Geração D’, lançado sem estardalhaço em 2023. Clemente Rosas leu e comenta “a epopeia da juventude rebelada romanticamente contra a ditadura militar”.

22 / russo

Poemas inéditos de Viatchesláv Kupriyánov ganham tradução do escritor, poeta e tradutor Astier Basilio, exclusivo para o *Correio das Artes*.

24 / resenha

Em ‘Festas Semióticas’, Amador Ribeiro Neto avalia o romance de estreia do cearense Stênio Gardel, ‘A Palavra que Resta’, sobre um casal gay sertanejo e idoso.

26 / ensaio

De Lisboa, Portugal, o advogado Eduardo Luna reflete sobre a obra de Machado de Assis, realçando o realismo interior do Bruxo de Cosme Velho, cujos textos mergulham na psiquê humana.

30 / clarisser

O olhar de Analice Pereira sobre o livro ‘A Terra Dá, a Terra Quer’, de Nêgo Bispo, que passou por João Pessoa em novembro, poucas semanas antes de morrer.

Editoras: elas fazem acontecer!

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Revisão do texto, design de capa, editoração, divulgação... Até chegar ao leitor, a criação de um livro passa por várias etapas, e cada uma requer o conhecimento de especialistas que atuam de forma correlacionada para deixar atrativo e viável, financeiramente, o projeto final. Tudo funciona como uma orquestra sinfônica, em que cada músico tem suas próprias habilidades e emitem diferentes sonoridades, mas todos interagem em prol do conjunto da obra, concebida pelo compositor, nesse caso o escritor.

Nesta reportagem,
ficamos sabendo
como os editores
de livros
trabalham, e
o que pensam
sobre o uso das
tecnologias no
processo editorial



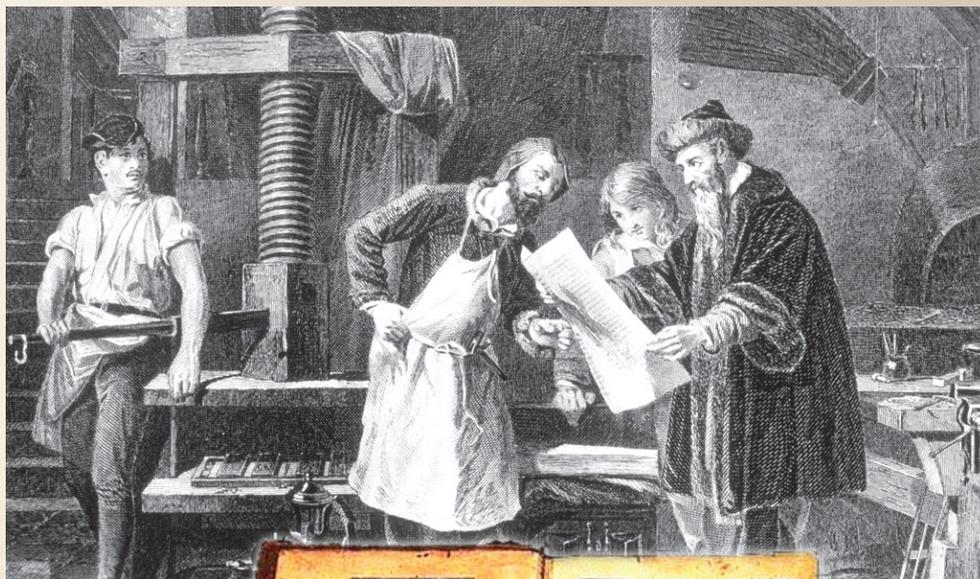


ILUSTRAÇÃO-REPRODUÇÃO

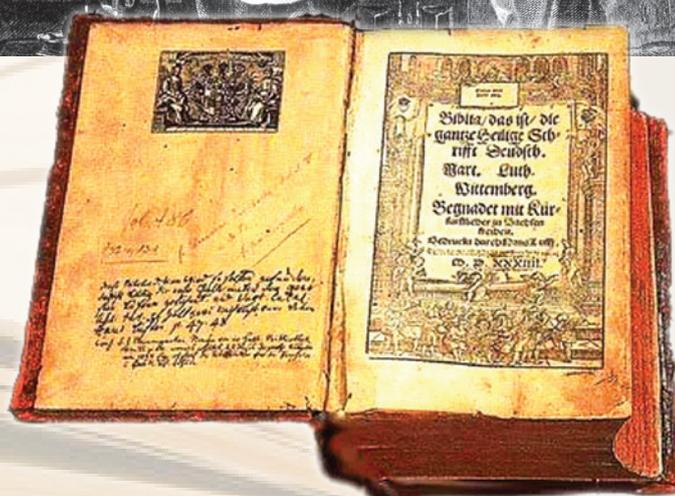


IMAGEM-REPRODUÇÃO

O livro – e até mesmo este *Correio das Artes* – existe graças a um inventor alemão, Johann Gutenberg, que no século 15 criou um sistema mecânico de tipos móveis capaz de realizar a impressão de textos em papel.

A chamada “imprensa de Gutenberg” (imagem no alto), amplamente considerado o invento mais importante do segundo milênio, é uma espécie de tataravô das gráficas digitais dos dias atuais.

Mas se o termo “imprensa”, hoje, é sinônimo de empresa que oferece serviços de notícia, em 1430 ele foi utilizado para dar nome a um dispositivo técnico capaz de reproduzir palavras, frases, textos ou até mesmo livros inteiros, por meio dos caracteres ou tipos móveis inventados por Gutenberg.

Até Gutenberg criar essa máquina, as reproduções de textos eram restritas a pequenos grupos, que copiavam o conteúdo à mão, palavra a palavra. Mas a invenção da imprensa tornou as tiragens maiores, alcançando outros grupos e superando distâncias.

Ficou para a história que a Bíblia de Gutenberg (no detalhe) foi o primeiro livro integral a ser impresso pela mecânica criada pelo inventor alemão. O popular canal de TV History, entretanto, frisa bem que tal livro foi o primeiro impresso no Ocidente, e aponta que a impressão já existia na China antes mesmo de Gutenberg.

Segundo informações do canal, os primeiros livros foram impressos através da técnica de xilografia, que consistia em entalhar a página em uma placa de madeira entintada. Assim, o livro impresso mais antigo de que se tem conhecimento é o **Sutra do Diamante**, encontrado em Dunhuang (China) e data do ano 868 d.C.

No século 14, ainda segundo o History, essa técnica chegou à Europa, mas foi pouco utilizada, uma vez que exigia muita habilidade para entalhar parágrafos inteiros na madeira, que se desgastava rapidamente.

Podemos dizer que durante esse processo, o maestro, aquele que coordena cada fase, o tilintar dos instrumentos, e trabalha para que o produto derradeiro seja o mais genuíno e envolvente possível, é a editora. É ela a responsável por exaltar, por meio de diversos recursos, a criação do autor. Um livro, sobretudo o impresso - mais palpável, não é um simples invólucro que registra as palavras do escritor, mas um produto pensado para representar com fidedignidade o que está contido em cada página. Esse trabalho aguça a atenção e os sentidos do público.

A tarefa de quem atua nesse ramo não está dissociada do amor pelas publicações. Para alguns profissionais da área editorial, o livro é mais do que um disseminador de histórias e conhecimentos, atributos por si só louváveis. Mas, essa criação está impregnada pelas ideias e espírito do autor, podendo ser inserido ao rol das obras de arte.

“Apesar da reprodutibilidade em larga escala, é sempre importante lembrar que um livro compõe uma obra de arte. Diante do texto, todas as decisões perpassam pelo cuidado do que será a obra ao final. Então, diagramação, editoração, escolha do papel, capa, cores, fonte, ilustrações, tudo isso está relacionado ao resultado pretendido. Obviamente, há uma equação entre o ideal e o possível para que o projeto seja financeiramente viável e tenha um preço final justo”, declarou o jornalista e escritor Felipe Gesteira, um dos sócios da Editora Termômetro, sediada em João Pessoa.

A empresa nasceu em outubro de 2022, sendo composta por três sócios - Anderson Pires, Eliane Pereira, além de Gesteira. O trabalho na editora começa com a curadoria dos originais enviados pelo autor, depois os escritos passam pelo processo de revisão e editoração, criação de capa, até a entrega do arquivo para a gráfica. Após a impressão, começa outra etapa, a divulgação e distribuição.

“No futuro, pretendemos publicar também trabalhos de autores que se disponham a financiar seus próprios projetos”, destacou Felipe, cuja empresa

FOTO: STEFANO DANIELA / DIVULGAÇÃO



FOTO: LAURA DE ANDRADE / DIVULGAÇÃO



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

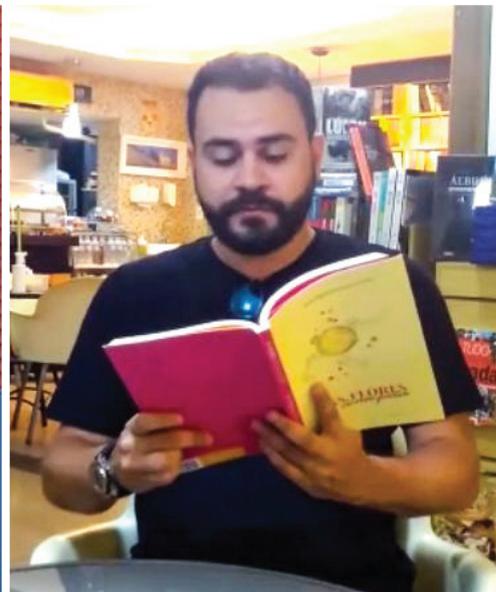


FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Aline Cardoso, Débora Gil (acima) e Felipe Gesteira (abaixo, à esq.) são escritores que passaram a editar livros de outros autores; Iam Pontes (abaixo, à dir.) dá continuidade ao legado do pai-editor, Juca Pontes

foi responsável pela publicação de um livro sobre política e três infantis. “Também pretendemos ampliar o perfil de publicações, assim como revelar novos autores”, acrescentou.

Mesmo estando há pouco tempo no mercado, ele já expressa uma relação quase paternal com a área em que atua, e diz que nada se compara aos livros, pois é por meio deles que podemos dialogar com autores, independentemente de barreiras cronológicas e espaciais, bem como visitar hábitos e interesses comuns de pessoas queridas, mesmo quando elas não estão mais nesse plano terrestre. “Imagine visitar a biblioteca de um avô ou avó que não compartilha mais sua presença nesta existência”, refletiu o jornalista, e acrescentou. “Ler o que ele ou ela lia, possibilita uma ponte de conhecimento para visitar e conhecer melhor a percepção de mundo daquela pessoa. Além disso, há os aspectos mais óbvios já ditos aqui, como a disseminação da cultura”.

Sim, a propagação da cultura, esta pode ser vista como a função primordial do livro, pois quem lê adquire cada vez mais conhecimento sobre os mais variados assuntos, “surfa nas ondas” do escritor, aprende, se capacita

e tem maior possibilidade de possuir uma consciência crítica sobre a sociedade. Para Gesteira, “ninguém apaga um livro publicado”. Além do caráter cultural, as publicações constroem a historiografia de um período. “Produzir livros, para nós, é mais do que contar histórias, é também preservar a memória. Acreditamos nos livros, no mercado editorial e, principalmente, na importância de produzir conteúdo qualificado em tempos de efemeridade.”

A afeição pelo livro também é demonstrada nas palavras do escritor e jornalista Tiago Germano, que fundou, no ano passado, juntamente com o sócio Hindemburgo Rolim, a Matria Editora. A empresa já lançou um livro de contos, *Vespas-Do-Mar Nunca Guar-*

dam *Rancor*, de Hindemburgo, e um romance, *Refúgio Para Bisões*, do Gabriel Bortolini (vencedor do prêmio Biblioteca do Paraná). Para Tiago, o amor pelos livros, para um autor, pode ser egoísta, mas para um editor nunca é.

“Somos um pouco parteiros, que têm uma relação privilegiada com a criança e com a mãe. Queremos facilitar o nascimento dos livros, dar aos autores oportunidades que nós



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Magno Nicolau, da veterana Ideia: “Procuramos tornar o livro o mais barato possível”

“Um livro compõe uma obra de arte. Diante do texto, todas as decisões perpassam pelo cuidado do que será a obra ao final

Felipe Gesteira

mesmos não tivemos no início de carreira. No meu caso, um fato que impactou muito a decisão foi a morte do editor Juca Pontes, que foi um baque para todos aqui da Paraíba, e o fim da editora Escaleras, de Débora Gil Pantaleão - que está em nosso conselho editorial -, que deixou todo mundo mais ou menos órfão por aqui”, afirmou Tiago.

Ele contou que a morte do poeta Juca Pontes (1958-2023), criador da Forma Editorial, bem como o fechar das portas da Escaleras representou a queda de um soldado e uma trincheira. “Quis, então, me juntar a essa guerra, porque o mercado das editoras independentes parece ser isso hoje em dia: uma batalha que precisa cada vez mais de mãos dispostas a trabalhar por ele”, afirma Tiago.

Segundo a escritora Débora Gil Pantaleão, a Escaleras foi fundada em 2017 e encerrou as atividades em 2021. Na época de criação, ela disse que teve vários motivos para empreender nessa área. “No meu caso, foi o fato de ver que não tínhamos oportunidades para publicar na Paraíba por uma editora da casa. Sempre tínhamos que nos submeter às editoras do Sudeste. Além disso, pessoas negras e LGBTQIA+ eram muito mais invisibilizadas nas casas editoriais”, comentou.

Ao ser questionada sobre os principais desafios que enfrentou para tentar manter a editora, ela comentou em poucas palavras: “Falta de incentivo público”.

A lacuna deixada pela Escaleras no mercado paraibano é inconteste, mas outras iniciativas da área abraçaram algumas filosofias defendidas por Débora Gil. Um exemplo é a Editora Triluna, criada em 2019 pela escritora Aline Cardoso. “A Triluna tem o foco editorial na publicação de poesia escrita por mulheres cis e trans, pessoas negras, indígenas e pessoas LGBTQIAP+. A Triluna é uma nanoeditora, não tenho sociedades ou fomento de parcerias privadas/públicas. Não temos um prédio-sede ou sala comercial. A Triluna acontece em minha casa”, revelou Aline.

Ela contou que nunca sonhou em editar livros, mas é feliz por trabalhar com eles, pensar os projetos de cada título em consonância com os desejos do autor. “O que me move a seguir

editando é dedicar a minha energia criativa e os conhecimentos que adquiri em função de uma mudança histórica. Sei que o que estamos construindo é histórico, e me sinto muito realizada por poder agir ativamente para a ampliação das margens.”

Aline frisou que é gratificante mediar a abertura de caminhos e de acesso a pessoas que foram historicamente silenciadas. “Esse é o meu trabalho de formiguinha, é o trabalho da minha vida, e que tem movido outras vidas ao redor da poesia. Isso é muito poderoso: inspirar pessoas a contarem suas histórias e a evidenciarem dicções e Brasis que ainda são completamente escanteados pelo crivo de grandes editoras. Comecei a editar livros para publicar escritos dos meus alunos e não parei mais. Hoje, já contamos com diversos títulos e autores premiados em editais culturais pelo país afora.”

Sobre a morte do poeta Juca Pontes, vale lembrar que a Forma Editorial, fundada por ele em 2004, segue ativamente sob o comando de seu sucessor, o escritor Iam Pontes, que leva adiante o sonho do pai. O empreendimento, segundo Iam, tem destacada atuação editorial em diversos livros de autores paraibanos e também nacionais e mantém um exercício constante na qualidade técnica de suas edições. Entre as obras que levam o selo da Forma estão *Gramática Poética*, de Ronaldo Cunha Lima; *As Cores da Arte Paraibana*, coletânea com 25 artistas plásticos da Paraíba; *A Fala do Poder*, do jornalista Nonato Guedes; *O Futriqueiro* e *Casca e Nó*, do literato e político Zé Cavalcanti e *Com os Olhos no Chão*, a mais recente obra do cronista Gonzaga Rodrigues, só para citar alguns exemplos.

Iam Pontes contou que a editora foi fundada em parceria com o designer e artista gráfico Syllas Mariz, que em 2008 teve que se mudar, indo residir em Santa Catarina. Mas, com o objetivo de fomentar o cenário literário paraibano, a Forma continuou a missão e já soma mais de 200 publicações. “Com a morte do meu pai, tenho um grande desafio que é dar continuidade ao seu legado, que tanto se dedicou pela arte da edição de livros. Eu tive o privilégio de conviver e compreender ensinamentos com um grande profissional da área editorial da Paraíba”, frisou.



Saindo das experiências de editoras ainda iniciantes ou daquelas já consolidadas, mas privadas, sigamos para outra realidade, a Editora A União, organismo estatal que integra um complexo informativo-cultural centenário na Paraíba, composto pela gráfica e jornal A União, Diário Oficial, Rádio Tabajara 105.5 FM e as caçulas e não menos importantes Livraria A União Poeta Juca Pontes e a Rádio Parahyba 103.9 FM. Essa última foi inaugurada oficialmente em dezembro do ano passado. Todos os veículos constituem a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), grupo do Governo da Paraíba.

A União, segundo o gerente da editora, o jornalista Alexandre Macêdo, sempre teve a tradição de publicar grandes escritores paraibanos, a exemplo de Augusto dos Anjos e José Américo de Almeida, além de centenas de obras, revistas e catálogos, dando oportunidade a autores jovens e veteranos publicarem seus livros. Precisar quantas publicações já passaram pela equipe de A União é uma resposta desafiadora e sujeita a erro, mas somente no ano passado foram 23 títulos.

Ao tentar traçar o caminho da obra até o leitor, Alexandre contou que tudo começa com as conversas com o autor, o fechamento do contrato e a leitura do que foi escrito. Nesse momento, alguns direcionamentos podem ser ditos ao escritor. “A gente pode fazer algumas

observações, mas, claro, a autonomia total é do autor. Porém, a gente vai direcionando a forma da editoração e a partir daí há o contato com o designer para a criação da arte de capa e do miolo. Esse texto é passado para uma primeira revisão, depois é feita uma boneca do livro, que é a primeira versão do impresso, onde ocorre a normalização que, geralmente, é realizada por um profissional de Biblioteconomia”, explicou.

Depois, o livro passa para o setor de artes e a gráfica. “No parque gráfico, outros profissionais, igualmente importantes, fazem os ajustes das cores e o tipo de papel adequado, que foi escolhido durante a definição do orçamento. É nesse local que realmente ocorre a transformação da peça para ser entregue ao autor. No caso dos nossos livros, eles são lançados na Livraria A União Poeta Juca Pontes e ficam disponibilizados para comercialização no próprio local”, disse Alexandre, lembrando que a livraria fica nas dependências do Espaço Cultural José Lins do Rego, no bairro de Tambauzinho, em João Pessoa.

Apesar da Editora A União estar no mercado paraibano há pelo menos 100 anos, foi a partir de 2019, com a criação da EPC pelo governador João Azevêdo, que foi dada uma atenção especial à atividade editorial. Os veículos do grupo estatal já existiam e funcionavam a todo



FOTO: EDSON MANTOS/A UNIÃO

Alexandre Macêdo, gerente da Editora A União, sobre o uso da Inteligência Artificial no meio literário: “Tem de haver uma regulamentação, uma nova legislação e esse debate ainda vai levar um tempo, ele não vai se esgotar agora”



Algumas obras publicadas por editoras paraibanas mencionadas nesta reportagem: diagramação, editoração, escolha do papel, capa, cores, fonte, ilustrações, tudo isso está relacionado ao trabalho do editor

vapor no Estado, mas caminhavam por estradas paralelas, ou seja, não se cruzavam. Com a EPC, que reuniu em um só escopo a gráfica, a editora, o jornal, o Diário Oficial e as rádios, a comunicação foi mais intensa e integrada.

“Em 2019, o primeiro ato do governador João Azevedo foi criar a Empresa Paraibana de Comunicação. A partir daí, da gestão de Naná Garcez (editora-presidente da EPC), que é muito sensível a essa área, foi criada a sede da editora e uma equipe orgânica para que pudéssemos lidar. A Editora A União passou a existir de direito e também de fato. Desde 2019, a gente tem uma produção bem intensa, e uma visibilidade muito grande. Realizamos um trabalho de fomento e divulgação da literatura paraibana, que tem sido muito bem recebido, tanto pelos escritores, como pelos críticos e pelo público em geral”, frisou Macêdo.

Sobre os recursos para manter a instituição, Alexandre explicou que ela é uma S.A. e, ao mesmo tempo, ligada ao Governo do Estado. “Então, tanto a gente pode comercializar, como os livros podem ser financiados pelos próprios autores. No nosso caso, por ser uma editora pública, ela tem esse diferencial. A gente tem a área de fomento também. E, na editora particular, ela fica mais restrita a esse financiamento da área comercial e também podem participar das leis de incentivo.”

Buscar diferenciais, às vezes, é inevitável

Investir na área editorial nem sempre significa seguir por uma trajetória retilínea, pois são vários os percalços. Porém, desviar por um caminho diferente pode ser a melhor maneira de se destacar no mercado. Foi assim com a Plural, surgida em 2015, mas que no ano passado passou a ser Papel da Palavra, sediada em Campina Grande. Segundo Linaldo Nascimento, fundador da editora, escritor, *ghost writer* e pesquisador que já atuou em mais de 200 projetos editoriais, a Papel da Palavra surge como um modelo de “Editora prestadora de serviços”.

“Mais especificamente, nos apresentamos como uma agência de serviços editoriais para autores, selos e entidades independentes. Somos especialistas em publicação de obras em pequenas tiragens, sejam de tiragem única, periódica ou mesmo contínua. Com prefixo na Agência Nacional do ISBN desde 2015, temos atuado desde então na publicação de centenas de obras físicas e digitais. Uma parte significativa de nossos autores é regional - paraibanos são maioria. Publicamos também autores em todas as demais regiões do Brasil, além de obras com autoria de residentes em mais quatro países”, afirmou Linaldo Nascimento.

Segundo ele, obras em língua portuguesa formam quase que a totalidade do catálogo da empresa, mas também há trabalhos em inglês, espanhol, italiano e chinês. São obras desde uma publicação pontual para um momento ou evento circunstancial até títulos vencedores de editais e premiações nacionais e internacionais. “O trabalho da Papel da Palavra foi reconhecido pelo Prêmio Jabuti, colocando-a entre os finalistas do Eixo Inovação”, pontuou.

Ao comentar sobre a história do empreendimento, Linaldo Nascimento disse que no final do século passado, os editores

sul-americanos começaram a esboçar o termo “bibliodiversidade”, que atualmente circula e influencia o mercado editorial por boa parte do mundo. Em um primeiro momento, tem a ver com a tarefa de aplicar, aos textos, critérios de relevância editorial que não sejam exclusivamente ou estritamente comerciais.

“Trata-se também do surgimento e favorecimento de novas possibilidades editoriais, como alternativa ao método mais conhecido, onde uma editora convencional analisa, aprova e adquire direitos comerciais sobre o texto de autores, assumindo a sua produção e comercialização. A Papel da Palavra, de Campina Grande, surge como uma dessas alternativas.”, explicou.

Sobre a mudança no nome, Linaldo contou que o termo “plural” e suas derivações, passaram a ser utilizados de forma mais particular para representar e referenciar os conteúdos e iniciativas associados a classes, gêneros e camadas específicas da nossa sociedade. Segundo ele, tem ajudado, inclusive, na criação de um gênero e até editoras exclusivas para publicações com este perfil. “Mantemos a ‘Plural’ como um dos nossos selos, mas a atualização do nosso nome fantasia para ‘Papel da Palavra’ ajuda a indicar que trabalhamos, além do gênero citado, com um catálogo mais abrangente de gêneros literários”, declarou Nascimento.

Falando em diferencial no mercado, outro Linaldo, o Guedes, deu vida à Arribaça Editora em 2018, juntamente com seu irmão, Lenilson Oliveira, ambos jornalistas e poetas. A sede da empresa fica em Cajazeiras, Sertão da Paraíba. Segundo ele, o perfil da editora é publicar livros de todos os gêneros e dar assistência aos autores e autoras antes, durante e depois da publicação do livro.

“Existem editoras e editoras. Algumas são apenas ‘publicadoras’ de livros. Outras, nas quais a Arribaça se insere, buscam mais que isso. Procuramos dar toda assistência aos nossos autores. Fazemos leitura crítica, lemos todos os livros que publicamos, fazemos revisões e, o mais importante, todos os nossos passos são acompanhados pelos autores. Em resumo, o autor nos procura, nos manda seus originais, avaliamos se está dentro do perfil editorial que seguimos e, após fecharmos contrato, partimos para a edição”, afirmou Linaldo Guedes.

Com mais de 100 títulos publicados, a Arribaça conta com um suporte criado pelos editores que ajuda na divulgação e comercialização das obras. Trata-se



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Linaldo Nascimento, da Papel da Palavra de Campina Grande: antenado com os novos conceitos do mercado editorial



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Em Cajazeiras, Linaldo Guedes fundou a Arribaça, que mantém livreria física e virtual: “Livro é caro, principalmente a impressão”

Editores sul-americanos começaram a esboçar o termo 'bibliodiversidade', que atualmente circula e influencia o mercado

de uma iniciativa que agrega valor ao negócio. “Temos uma livreria física em Cajazeiras, onde vendemos nossos livros. Também temos nosso site e as redes sociais, onde divulgamos não só os livros publicados, mas também resenhas sobre esses livros, eventos com nossos autores e outras atividades”, afirmou Linaldo Guedes.

Ao falar sobre a manutenção do empreendimento, ele destacou que pequenas editoras, como a Arribaça, vivem sempre na corda bamba, não se financiam, pois “livro é caro, principalmente a impressão”. “Mas vamos sobrevivendo e voando, em nome da literatura. Nossa fonte de renda são nossos próprios livros. Alguns dão prejuízo, outros, compensam. E assim vamos tocando.”

Alto custo

O alto custo das publicações não impacta somente as pequenas e jovens editoras do estado. As mais tradicionais também sentem o peso. “Livros, no Brasil, ainda são caros. Principalmente na hora de vender, pois as distribuidoras cobram caro, chegando a 55% do valor de capa”, enfocou Magno Nicolau, jornalista que em 1989 fundou a Ideia Editora, juntamente com o irmão, Marcos Nicolau.

Ao longo dos mais de 30 anos de caminhada, a Ideia já conquistou vários reconhecimentos, e nos primeiros três anos de existência já havia publicado 100 títulos. Hoje, já são mais de 3.500 obras e alguns prêmios, como o Heitor Falcão, a Comenda Joacil de Brito Pereira (pela UBE) e a distinção de Honra ao Mérito (pela Academia Paraibana de Letras).

Segundo Magno Nicolau, o *best-seller* da editora é o livro *Analisando as Traduções Bíblicas*, de Severino Celestino, com quase 100 mil exemplares vendidos no país e no exterior, atualmente traduzido para o alemão. Quem custeia a Ideia Editora são os próprios autores, quando aceitam o orçamento pelo trabalho oferecido, bem como órgãos públicos.

Mesmo na estrada há vários anos, ele diz que criar um livro não é simples. “Procuramos torná-lo o mais barato possível e facilitar a comercialização. Atualmente, também oferecemos a opção de colocar na Amazon para o Kindle. Porém, temos o nosso próprio site para venda do livro físico”, destacou.

Mente humana x IA

FOTO: FABIO CARDOSO/ DIVULGAÇÃO



Tiago Germano (esq.), que acaba de fundar a Mátria com o colega escritor Hindemburgo Rolim (dir.): "Acho desonesto utilizar a Inteligência Artificial, fingir que ela não acontece e evitar a discussão"

Nos tempos de hoje, em que a Inteligência Artificial dá respostas imediatas aos mais variados temas, é capaz de formular textos e resolver questões matemáticas complexas em segundos, a publicação de títulos provenientes da mente humana ganha até selo de autenticidade. Foi o que fez a editora Librinova, em parceria com a empresa de certificação francesa Label Création Humaine. As duas uniram forças e anunciaram, neste mês de janeiro, a criação de um selo concedido apenas a uma obra (escrita, audiovisual ou musical) originária de inteligência orgânica, ou seja, feita por gente de carne e osso. Essa é apenas uma amostra da interferência da IA nas artes em geral.

Para os empreendedores do mercado editorial na Paraíba, a discussão sobre a presença da IA na literatura está apenas começando. Aline Cardoso afirmou que recentemente teve uma experiência com a IA, numa ocasião em que foi curadora de um edital para fomento de produções artísticas a nível nacional e internacional. Ela se deparou com diversos projetos que pretendiam integrar as possibilidades criativas da IA aos trabalhos que desejavam desenvolver. Mas, segundo a editora da Triluna, "o Chat GPT ainda cria textos com limitações, clichês e lugares comuns em excesso".

"A um bom olhar atento, acredito que não passarão pela aprovação e crivo de editores experientes. Entretanto, na Amazon há diversas obras que foram escritas por AI e que são comercializadas. Mas, que tipo de literatura é essa? É material de *coach*? Vale sempre desconfiar. As editoras e avaliadores sabem buscar a centelha poética que, até esse momento, apenas a criatividade orgânica humana produz com precisão e singularidade", frisou.

Para a escritora e editora, ainda estamos no início das discussões sobre legislações e direitos autorais de uma obra literária envolvendo essa tecnolo-

gia. "Posso já estar desatualizada. Entretanto, até onde li, vi que no momento, fora do Brasil - nos EUA, conforme o posicionamento do Escritório de Direitos Autorais dos EUA (US Copyright Office) - compreende-se que a AI é uma ferramenta usada durante o processo criativo humano, portanto, os conteúdos criados por AI através de comandos concedidos por humanos não possuem

a proteção autoral", enfocou.

Nesse caso, os programas de Inteligência Artificial apenas "imitam" estilos, estéticas e formatos de gêneros. E sobre esses elementos, segundo ela, não há como instituir um direito autoral, pois os assistentes são vistos apenas como ferramentas que ampliam as possibilidades criativas. "Mas, isso também pode mudar, a depender de cada caso. Em imagens, por exemplo, em situações em que há a presença direta de elementos criados por humanos e que possuam a proteção autoral."

Ao falar sobre o que já existe de regras referentes à IA e à criação de livros, Aline declarou que a redação da Lei nº 9.610/98 outorga proteção autoral às obras intelectuais "oriundas das criações do espírito", o que impede a atribuição de autoria a sistemas de inteligência artificial, os quais, naturalmente, carecem de espírito.

"O Brasil ainda está desenvolvendo legislações sobre o assunto. Um exemplo é o Projeto de Lei (PL1473/23) apresentado pelo deputado Aureo Ribeiro (Solidariedade-RJ). O PL busca obrigar empresas que operam sistemas de Inteligência Artificial a disponibilizar ferramentas que permitam aos autores restringir o uso de seus materiais pelos algoritmos. Mas é complexa a questão, as IAs são treinadas, elas recebem um volume massivo de informações para processamento, compilação e armazenamento. Ainda estamos caminhando nesse sentido e não me parece haver nada definitivo. Ainda estamos tateando o assunto", acrescentou a escritora.

Outros profissionais que atuam no

“O Chat GPT ainda cria textos com limitações, clichês e lugares comuns em excesso

Aline Cardoso

mercado editorial também têm opinião semelhante. Um deles é Alexandre Macêdo, gerente da Editora A União. “Sobre a Inteligência Artificial, acho que tem de haver uma regulamentação, uma nova legislação e esse debate ainda vai levar um tempo, ele não vai se esgotar agora.”

Tiago Germano frisou que não trocaria as duas capas feitas na editora por versões usando inteligência artificial, como também não trocaria a edição que realizou pela que um editor virtual faria, mesmo sabendo que a ferramenta tecnológica demandaria menos tempo. “Não é algo que me assuste muito, outras coisas me preocupam mais, como a distribuição do livro, que ainda é o maior gargalo das editoras independentes”.

O cofundador da Matria frisou que a discussão sobre a autoria de uma obra não é algo tão antigo, pois nomes como Francesco Petrarca, Camões e Shakespeare leram vários poemas clássicos. “A autoria nunca foi preto no branco, não existe eugenia no território da criação, somos todos meio criaturas ‘impuras’”.

No entanto, quando se trata da IA, caem por terra todos os parâmetros existentes sobre a originalidade e autenticidade no campo da arte. “Acho desonesto utilizá-la, fingindo que nada está acontecendo, tão desonesto como fingir que ela não acontece, e evitar a discussão. Comparo o que está acontecendo agora ao advento da fotografia, numa época em que a pintura tinha mais ou menos a função de retratar as pessoas. A fotografia acabou imprimindo pequenas revoluções no fazer artístico: Pedro Américo, por exemplo, passou a utilizá-la para tornar seus quadros cada vez mais detalhistas”, enfocou Germano.

Mais tarde, outros, como Picasso, deram um jeito de aboli-la. “Acredito que ainda é cedo para dar juízos e pareceres definitivos nesse campo”, acrescentou o escritor e editor. E, ao ser indagado sobre quem assinaria um livro que tivesse a participação da IA, Tiago declarou que a autoria, “no mínimo, teria que ser dividida com a máquina, se ela realmente participou do processo.”

Germano ainda disse que o ponto positivo da IA é que ela está presente em

várias tarefas da sociedade, a exemplo do programa de editor de texto utilizado para redigir essa reportagem, mesmo ela sendo criada e planejada apenas com a mente humana. Ou seja, não se pode negar que a IA é uma ferramenta que auxilia em muitos trabalhos do dia a dia. Por outro lado, o capitalismo e as revoluções industriais foram sempre pautadas na ideia de que as máquinas trabalhariam no lugar dos humanos, para que estes tivessem tempo e dinheiro para aproveitar o tempo livre.

“E isso é um grande engodo”, frisou Tiago. De acordo com ele, na prática, as máquinas incrementam o lucro de quem já tem bastante dinheiro e, por outro lado, geram mais trabalho e menos renda para os mais necessitados. “Nenhuma novidade. Gostaria muito que quem tivesse o poder de mudar isso mudasse. Mas, duvido muito que mude. Então, acho que algum colapso desse sistema esteja muito próximo, só consigo resolver isso apelando para a ficção, mas não faço ficção especulativa, então só consigo escrever sobre os efeitos atuais desse problema: crises, tristezas e sofrimento humano. É o material sobre o qual me debruço, como escritor e como editor também.”

Felipe Gesteira declarou que não consegue ver riscos da presença das IAs para as editoras, pelo contrário. Para ele, editoras que apostarem na Inteligência Artificial poderão ter margens de lucro maiores. No entanto, quando se entra na seara da autoria de uma obra, o tema precisa de mais reflexão. “É importante destacar que o uso da IA para produção de conteúdo autoral sempre se baseia na exploração da obra de algum trabalhador que não será remunerado. Assim, usar IA para maximizar lucros poderá representar um dano incalculável para a cultura e a sociedade como um todo. Somos contra”, enfatizou.

Para Iam Pontes, o tema é motivo de preocupação, pois já existem publicações geradas por esse moderno sistema de algoritmos e sendo comercializadas por plataformas de vendas on-line. “Mas, o que posso afirmar é que são obras repletas de informações não confiáveis e de utilizações de direitos autorais indevidos. A arte da escrita vai perdendo o valor com essa nova ferramenta, não vejo nada de vantajoso, o processo de escrita é um dom, venhamos e convenhamos, você transformar dados em livro não é algo bacana”, destacou Felipe.

**A lei nº 9.610/98
outorga proteção
autoral às obras
intelectuais
“oriundas das
criações do
espírito”, o
que impede
a atribuição
de autoria a
inteligência
artificial**

IMAGEM: PIXABAY

Do papel para as telas

Em uma sociedade ávida por produtos digitais, não é tarefa fácil para uma editora conciliar a publicação de obras impressas com os meios digitais, incluindo o e-book. Segundo o escritor e editor Iam Pontes, para conseguir concorrer com o mundo digital por meio do livro físico, “o papel do editor é buscar o olhar sobre a beleza do livro, dando magia e cores às capas, fazendo com que a leitura do miolo seja leve e prazerosa, despertando no leitor o desejo de consumir.”

E para quem não atua nas duas frentes, impresso e digital, a presença da obra virtual é injusta. “É uma disputa desleal, a começar pela disparidade de preços e pela disponibilidade de espaços para armazenamento dos livros. O livro digital, com certeza, é mais prático, mais acessível, lhe dão condições melhores de durabilidade. Por outro lado, o livro físico, ao meu ver, jamais perderá a sua relevância, contendo diversos elementos ao seu favor: a capa, a lombada, a diagramação, a cor das páginas e até o cheiro são elementos que alguns leitores levam em consideração”, destacou.

De acordo com o editor da Forma, a obra impressa ainda pode ser colecionável, invoca um ambiente mais aconchegante, um espaço que estimula a concentração e o estudo. “O que mais diferencia a publicação física são as imagens, o estímulo de pegar um livro bem editado, onde proporciona uma leitura mais leve. Isso tudo leva o editor, cada vez mais, a caprichar em suas edições para atrair mais os leitores. No cenário atual, acho bem difícil conviver um como o complemento do outro”, concluiu Pontes.

Já Linaldo Guedes trabalha com as duas versões e, segundo ele, a procura maior ainda é pelo livro impresso, tanto pelos leitores, quanto pelos autores. No entanto, seja no papel ou digital, ele disse que ainda se vende muito pouco livro de autores contemporâneos. “Muito pouco mesmo. Eu, particularmente, prefiro o livro impresso, mas no processo de edição o prazer é igual, tanto para fazer e-book quanto impresso”, frisou o idealizador da Arribaça.



FOTO: PEXELS

E-book x livro de papel: 70% dos leitores preferem o formato impresso e esse percentual permanece estável há alguns anos

Na Matria, de Tiago Germano, a obra virtual ainda é algo que precisa ser pautado, mas a filosofia da empresa é não evitar o digital, pois “não é uma demanda que se pode torcer o nariz”. De acordo com ele, “a chave é não tentar competir, e incorporar o digital ao mercado”. “Queremos lançar nossos livros também em e-book, para que os leitores mais digitalizados tenham também essa opção de compra.”

Há ainda quem diga que não existe antagonismo considerável entre os dois formatos. Essa é a opinião de Linaldo Nascimento, da Papel da Palavra. Segundo ele, 70% dos leitores preferem o formato impresso e esse percentual permanece estável há alguns anos. “O que parece existir é uma tendência chamada ‘phigital’, onde os dois formatos em vez de competirem, se complementariam, favorecendo à dinâmica de leitura em termos gerais. Na prática, é o que vejo no nosso catálogo, os livros físicos são prioridade, mas existem aqueles casos em que o livro digital atende melhor”.

Ele citou, alguns momentos em que a obra virtual é mais requisitada do que a impressa, e isso ocorre quando um conteúdo precisa ser disseminado rapidamente e o mais abrangente possível; quando uma publicação dispõe de pouco investimento, mas há a intenção de levá-la a um grande público; quando se trata de um autor iniciante que deseja conquistar leitores com obras mais baratas ou gratuitas; ou no caso de livros acadêmicos, onde a disseminação do conhecimento tem maior foco do que o lado econômico, entre outras situações.

Aline Cardoso tem uma visão mais

democrática entre os dois formatos. Para ela, ambos estão em plena coexistência, pois cada um possui um perfil de público e atrativos próprios. Mesmo quando analisa o gosto pessoal, ela consegue atribuir requisitos positivos para um e para outro. “Pessoalmente, gosto de ter os livros físicos em casa, folhear, colocar na cabeceira, organizar minhas estantes. Mas, também amo poder pegar meu *tablet* ou celular e ter ali uma outra infinidade de possibilidades de leituras que não vão ocupar espaço na mala quando for viajar, por exemplo. Não acredito que exista um embate, penso que os dois formatos são bem-vindos”.

O mesmo é compartilhado por Alexandre Macêdo. A Editora A União, segundo ele, ainda não trabalha com e-book, mas para ele há mercado para os dois modelos. “Acredito que o impresso não concorre com o livro digital. O livro físico, que é o que nós trabalhamos, ainda é muito procurado porque as pessoas gostam de guardar as obras, tem gente que gosta do cheiro, de pegar, de ler. Porém, o livro digital também tem o seu lugar e, como nós vivemos uma era digital, não poderia ser diferente. Cada um tem seu público”.

Lançamentos por meio das “vaquinhas virtuais”

Com o livro considerado um produto caro para ser produzido, e a necessidade de muitos autores bancarem a própria obra, a contribuição das plataformas *on-lines*, como o Catarse, no custeio de uma publicação é uma opção bem-vista na visão dos donos de editoras. O recurso ajuda a revelar talentos, concretizar sonhos e elevar o número de títulos no mercado.

“As vaquinhas virtuais são fundamentais para financiar projetos de autores independentes. Muitos talentos eram perdidos quando um autor não conseguia ser bancado por uma editora. No financiamento coletivo, o autor que não tem condições de custear seu projeto sozinho, consegue entrar no mercado, e isso é valoroso demais!”, frisou Felipe Gesteira, e acrescentou: “Da parte das editoras, infelizmente essa alternativa muitas vezes é usada de forma desonesta, induzindo o consumidor ao engano. Há editoras que chamam financiamento coletivo de ‘pré-venda’, sem que se trate de uma pré-venda. Nesse modelo de financiamento, editoras usam do altruísmo para eliminar o risco empresarial e empreender com o dinheiro dos outros”.

Alexandre Macêdo afirmou que qualquer forma honesta de se custear um livro é válida. Ele contou que recebe escritores na editora que só conseguem lançar uma obra por conta desse tipo de

A contribuição das plataformas on-lines, como o Catarse, é uma opção bem-vista na visão dos donos de editoras



No financiamento coletivo, o autor que não tem condições de custear seu projeto sozinho, consegue entrar no mercado, e isso é valoroso demais!

Felipe Gesteira

financiamento coletivo. Para Macêdo, essa é mais uma maneira de o autor, que muitas vezes não tem orçamento para a publicação da obra, realizar um sonho. “Qualquer forma de financiamento é válida, e a gente trabalha com isso sem distinção”.

Linaldo Nascimento destacou que os recursos oriundos das chamadas “vaquinhas virtuais”, a exemplo do Catarse, “é uma excelente ferramenta editorial”. “Já tive experiência com algumas obras, todas com retorno acima das expectativas”, contou o editor da Papel da Palavra. De acordo com ele, quando a iniciativa é bem planejada e amparada por um suporte editorial comprovado, a tendência é que os leitores compreem a ideia apresentada e sintam-se parte integrante do projeto editorial como um todo. “Motiva o autor e dá uma garantia prévia para os prestadores de serviço editoriais.”

Já Linaldo Guedes disse que alcançar

um objetivo por meio das “vaquinhas virtuais” depende de alguns fatores como o engajamento dos autores, pois eles precisam ter uma cadeia boa de relacionamentos no meio literário. “Só colocar a campanha no ar, sem ir atrás, dificilmente funciona”, destacou o editor da Arribaçã. Ao comentar sobre a Catarse, ele afirmou que já publicou alguns livros com a campanha de pré-venda na plataforma. “Mas, agora estamos fazendo em nosso próprio site. A Catarse cobra 13% do valor arrecadado, e quando o livro vende pouco, o prejuízo é grande, para o autor e para a editora”, disse Guedes.

No caso de Tiago Germano, o recurso tem sido fundamental, já que a editora não tem condições de bancar os livros sozinho. No entanto, essa forma é algo que precisa ser mudado a médio prazo, porque as pessoas não têm a mesma disposição em apoiar projetos pelas plataformas, como ocorria antigamente, quando tudo era uma novidade. “Funciona muito bem pros quadrinhos, mas tenho minhas dúvidas se ainda funciona pra literatura, salvo alguns casos em que o autor tem uma rede de contatos muito boa. É um mercado camaleônico, ainda estamos nos adaptando às novas cores.”

Iam Pontes enfocou que, diante do processo complexo para se publicar um livro, as editoras têm se interessado cada vez menos por novos autores, optando por publicar traduções de livros já consagrados internacionalmente. Diante desse contexto, a autopublicação tem sido um caminho para os escritores, no entanto, isso demanda investimento. As “Vaquinhas virtuais” surgem como uma opção viável. “Nela, o escritor disponibiliza seu projeto na plataforma, apresenta os custos e busca por pessoas que se sensibilizem e curtam o texto. Nesse processo, a venda é feita antes de o produto de fato existir. É um novo caminho, para os escritores e para as editoras, sobretudo aquelas que dependem de obras como fonte principal da empresa.”

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Emília Querino



ILUSTRAÇÃO: TONIO

há momentos em que me encanta a beleza romântica das palavras impróprias
aquelas que sujam a boca
e a mente
o verbo explícito
palavras grandes de ódio, alegria e prazer
era bom reparar palavras contigo
mas agora onde está o teu ouvido?

venho deixando naquele copo mesmo cheio
o nosso silêncio confortável
o som do riso dado a péssimas ideias
o teu fantasma nos lugares em que não fomos rastro

arrasto a mobília pra esconder um rasgo
não faz sentido mexer em toda parede em razão de um pedaço
ocultar do papel o estrago não basta pra negar que ele exista
mas é possível perder a fé
e fingir para as visitas

quero que um susto no escuro leve a minha consciência, esse morcego
que me avisou ser perigoso dar asas ao que não é pássaro

só me deixe no quarto nos dias em que não consigo
me metamorfosear
e tudo parece monstruoso
até que eu me vire

e que a minha humanidade possa ser perdoada
porque você me devolveu para a caixa logo que soube que a boneca era mais gente que pano
e eu te vi por baixo de um rótulo de engano
porque nem tudo em mim era certo mas parecia santo

que a minha humanidade possa ser perdoada porque
somos só duas almas perdidas nadando num aquário
que ao ser quebrado te estilhaçaria em vários
tal como eu.

Emília Querino é natural da Paraíba e nascida em 1993, é mestra em Linguística e graduada em Letras, tendo lecionado Língua Portuguesa no ensino básico.



Augusto dos Anjos:

Uma reflexão sobre a mente sombria por trás da genialidade e da poesia brilhante do paraibano

Ricardo Souto e
Thélio Farias

Especial para o *Correio das Artes*

Augusto dos Anjos, um dos poetas mais icônicos da literatura brasileira, nasceu em 1884 na cidade de Cruz do Espírito Santo, no estado da Paraíba. Sua vida foi marcada por contrastes impressionantes: enquanto sua poesia intensa e majestosa conquistou a admiração de leitores e críticos, sua vida pessoal foi pontuada por tragédias e desafios.

O genial poeta nasceu em uma família de “posses” e, desde cedo, demonstrou uma aptidão notável para a leitura e à escrita. Ele estudou no Liceu Paraibano – na época, um dos mais conceituados colégios do Estado da Paraíba – e, mais tarde, na Faculdade de Direito do Recife.

Diante de uma formação acadêmica que influenciou significativamente seu estilo poético, trazendo elementos científicos e filosóficos para suas obras. Entretanto, sua poesia trazia à tona uma natureza sombria e existencialista.

De forma primorosa, Augusto explorou temas como a decadência humana, a fugacidade da vida e a inevitabilidade da morte. Sua obra mais famosa, *Eu*, é um exemplo paradigmático de sua abordagem única e um tanto atípica. Nesse livro de poemas, ele cultivava a deterioração do corpo humano de maneira crua e impactante.

Augusto dos Anjos foi influenciado por diversas correntes literárias, como o simbolismo, o parnasianismo e o naturalismo. No entanto, ele desenvolveu um estilo próprio, marcado pela linguagem rebuscada, a mistura de elementos científicos e filosóficos, e um olhar profundo sobre a condição humana.

Malgrado sua vida curta e tumultuada, Augusto dos Anjos conquistou reconhecimento póstumo como sendo um dos mais memoráveis poetas brasileiros. Sua poesia, muitas vezes chocante e perturbadora, despertou o interesse de gerações posteriores de escritores e leitores. Sua influência pode ser vista em diversos poetas contemporâneos.

Malgrado sua obra ter as já citadas características, o ilustre poeta, em um certo momento de sua vida, se desponsou, de certa forma, “diferente”, e para uma mulher dedicou dois de seus poemas, um deles, este:

D. S.

O livro Manu e o Zend-Avesta
E tôda a ciência estética do mundo
Não têm, consoante um critico
profundo Concepção de Arte, mais
perfeita que esta!

É a flor aristocrática da festa.
O sol, que é da atração cósmica,
oriundo, Aos seus olhos dois céus
de amor fecundo, Policromias
dioptricas empresta.

Com uma sonoridade de harpa
avoenga, Sobre-excedendo à pró-
pria arte flamenga, Todo o ano,
iné dita e única, ressurges.

Lembrando à alma unitária dos
poetas Uma Nossa Senhora que os
estétas Foram roubar na Cathedral
de Bourges!

Ainda para D. S., dedicou Augusto duas lindíssimas estâncias:

O CALENDARIO DA FESTA
28 de julho
D. S.

Dulcida, abrindo, áurea e alva, a galeria Das que, da excele e hierática hierarquia, Fazem parte, trazendo, alto, a olhos nus A absconsa e sepulcral cripta de Ellora Nos raios calóricos da aurora, Contribuições celígenas de luz.

Da horrenda escuridão das **Silvas** bastas Emergindo com as pretas tranças vastas, Misericordiosíssima, a cantar,
É como se surgisse, de repente,
Em noite tropical, cerrada e quente
Um pedaço brilhante de luar.

OVIDIUS

Nessa época, Dulce Silva ainda era solteira e famosa por seu encanto e aparência graciosa, o que propiciou à mesma vencer inúmeros concursos de beleza. Nascida na Paraíba, tendo como pai o vinicultor Tito Silva, homem de extrema idoneidade moral e intelectual e que chegou a ocupar, segundo o Escritor Humberto da Nóbrega, em seu livro *Augusto dos Anjos e Sua Época*, "a posição de primeiro administrador da Imprensa Oficial e, nesta qualidade, diretor de *A União*. Professor de Latim e Literatura do Liceu Paraibano, era exímio tradutor de Horácio e Virgílio. Augusto o sucedeu nesta última disciplina".

A escolha de Augusto dos Anjos como "O Paraibano do Século" pode ser atribuída ao seu impacto significativo na literatura brasileira, mormente no estado da Paraíba, onde nasceu. Sua obra influenciou gerações de poetas e escritores, e ele é frequentemente lembrado como um dos expoentes do simbolismo e do pré-modernismo no Brasil.

Destarte, sua singularidade e contribuição à literatura paraibana e brasileira, somado à genialidade que lhe era inerente levou à sua escolha como uma figura emblemática – "O Paraibano do Século" – quicá o título mais nobre já conferido à uma pessoa pelo citado ente federativo.



IMAGEM: REPRODUÇÃO

Filha do vinicultor Tito Silva, Dulce Silva era famosa por seu encanto e chegou a vencer inúmeros concursos de beleza

O Poeta paraibano, enfrentou diversos problemas de saúde ao longo de sua existência. Alguns dos principais incluíam doenças pulmonares, como a tuberculose, além de sofrer com dificuldades psiquiátricas. Sua saúde frágil influenciou sua obra poética, o que fazia Augusto, muitas vezes, abordar temas sombrios, a fragilidade e a efemeridade da vida.

Augusto dos Anjos foi um poeta cuja vida e obra permanecem como um testemunho da capacidade humana de transformar a dor e a escuridão em arte.

Sua poesia desafiou convenções e explorou os cantos mais profundos da experiência humana. Mesmo após sua morte prematura em 1914, seu legado perdura como um farol de criatividade e reflexão no panorama da literatura brasileira como um todo.

Ricardo Souto é poeta e romancista.
Thélio Farias é biógrafo, poeta e ensaísta.
Ambos são juristas e advogados militantes.
O segundo preside a Academia de Letras de Campina Grande (ALCG) e é membro da Academia Paraibana de Letras (ALPB).



Tiago Germano
tdgermano@gmail.com

Programáticos e processuais: os métodos e os gêneros literários

Já devo ter explicado aqui. Trata-se de uma dicotomia bastante utilizada pela crítica genética, hoje chamada de estudo de processo. Segundo Louis Hay, são dois os tipos de escritores: os programáticos, que planejam a criação com esquemas, diagramas, esboços de personagens etc., e os processuais, que descobrem a criação ao correr da pena, enquanto escrevem.

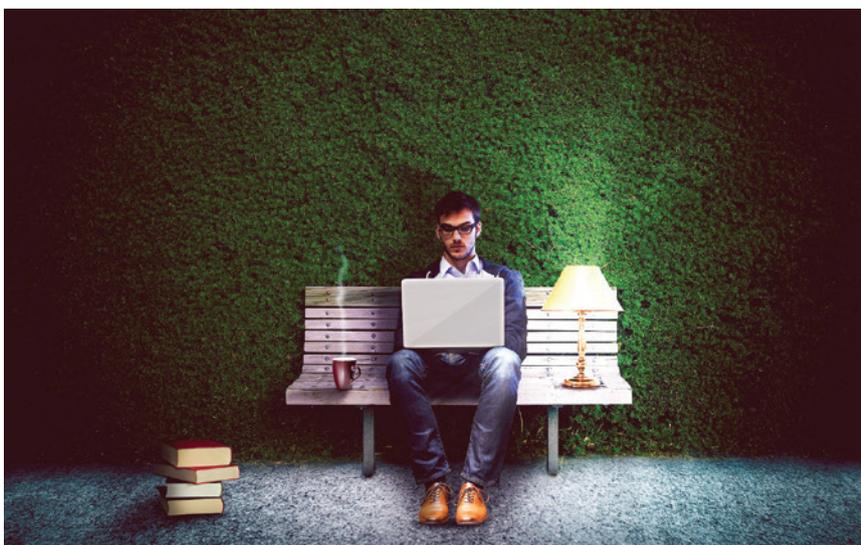
Na prática, cada um de nós tem um pouco de cada um deles. Para mim, depende sempre do projeto literário ao qual me debruço, bem como do gênero no qual estou escrevendo. Por exemplo: o romance, que considero um gênero mais “cabecudo” (mais racional e sistemático, sem muita margem pra desvios - coisa que muitos dizem sobre o conto, mas para mim a tentação de derivar, no romance, é muito maior justamente por ter mais espaço, então procuro limitá-lo), o romance sempre é mais programático.

Tenho cerca de vinte cadernos em que exercitei o meu primeiro, o que não me impediu de ter apenas uma versão do último que escrevi, um romance histórico que já tinha um início, um meio e um fim definidos por um evento real (uma guerra), então simplesmente o escrevi sem muitos planos, na ilusão de que eles já estavam definidos pela História.

No conto e na crônica, gêneros mais breves, sou mais processual. Planejo menos, porque o enredo já surge como que pronto no mundo das ideias. A partir daí é somente um jogo de tentativa e erro, de ver se as tentativas de narrar funcionam no âmbito da linguagem, testando frases, linhas, parágrafos...

Mas o engraçado é uma coisa que, para mim, em termos processuais, diferencia o conto da crônica: o fato de que, no conto, sempre consigo escrever ouvindo música (e geralmente música ruim), enquanto que na crônica só consigo escrever ouvindo os sons do ambiente, a música ou geralmente o barulho do que acontece ao redor.

FOTO: PIXABAY



Linguagem é padrão: a partir do momento que se coloca uma palavra no papel, é como mover uma peça no tabuleiro de xadrez e algumas peças vão se encaixar, outras não

Por que música e por que música ruim? Para muitos escritores a música atrapalha, porque tem seu ritmo próprio, suas frases (os músicos também praticam escrita criativa, na medida em que a música tem uma escrita, e inclusive usa termos literários, como o próprio conceito de frase), mas para mim, desde que seja ruim e em um outro idioma, ela ajuda porque sou inquieto e ela se torna um ruído branco.

Eu preciso de um ruído branco, porque meu editor interno (aquele papagaio que fica repetindo: “não vai dar certo, por que você não faz isso direito?”), essa voz, é muito implacável e muito exigente, e atua numa frequência muito incômoda. É preciso calá-la. É preciso me livrar dela até a edição e a revisão, quando a deixo comandar o processo criativo.

Por que não faço isso na crônica? Porque (sinto que já repeti isso mais vezes do que devia), para mim, o escritório do cronista é a banca de praça. Preciso estar no mínimo na janela de casa para escrever uma crônica. Preciso ouvir o carro da pamonha, o carro da fruta, o carro do inhame cará, o carro do picolé caseiro (se você me acompanha até já deve ter lido uma crônica sobre isso).

Na crônica, gênero mais querido, gosto de ser o *flâneur* de Walter Benjamin: caminhando na rua, caminhando na pracinha, ainda que na pracinha virtual (como Maria Valéria Rezende chama o Facebook). Já sentei no computador sem ideia pra uma crônica, mas bastou abrir uma janela e rolar a linha do tempo de alguma rede social para voltar pro Word com um tema pra crônica, porque toda rede social opera a partir de uma lógica puramente cronística: a eternização do instante, o desejo de permanência de algo essencialmente fugaz.

Acho que este tópico renderia um ótimo estudo de processo. Porque todos nós, programáticos ou processuais, musicais ou silenciosos, temos nossas próprias leis de escrita, ainda quando a lei é a liberdade e a ilusão de que não obedecemos nenhum esquema.

Linguagem é padrão. A partir do momento que se coloca uma palavra no papel, é como mover uma peça no tabuleiro de xadrez, colocar uma peça de determinada aresta no quebra-cabeça. Temos algumas sequências de jogada possíveis. Algumas peças vão se encaixar, outras não.

E ter uma lei um pouco mais impiedosa (são famosos os experimentos



Eu seu livro, Louis Hay argumenta que há dois tipos de escritores, os programáticos e os processuais: na prática, cada escritor tem um pouco de cada um deles

da Oulipo, de livros feitos sem determinadas vogais ou sem personagens, apenas descrevendo a paisagem), ser mais rigoroso, nada disso nos livra das surpresas da criação: como na vida, saber o caminho de casa não nos livra de, um dia, na plenitude da existência, morrer porque um piano caiu em nossa cabeça, depois de se desprender de um guindaste, na varanda de um prédio.

O acaso também frequenta as nossas páginas, e por mais que tentemos ter controle disso, ele por vezes se impõe. Morre o autor que tenta com insistência desprezá-lo, como morre o que também a ele sucumbe, refém completo do aleatório.

No conto e na crônica sou mais processual. Planejo menos, porque o enredo já surge como que pronto no mundo das ideias

Tiago Germano

Tiago Germano, é autor do romance “O que pesa no Norte” (Moinhos, 2023) e foi indicado ao Jabuti pelas crônicas de “Demônios domésticos” (Le Chien, 2017). É professor de escrita criativa e cofundador da editora independente Matria. Mora em João Pessoa (PB)

Juventude delirante

Clemente Rosas

Especial para o *Correio das Artes*

Demorei na decisão de comentar o livro de Sérgio C. Buarque, *Geração D*, lançado há pouco, e agora busco a remissão do pecado, com explicações e pedido de desculpas: o título, um tanto enigmático, não me pareceu feliz, e a edição, também um tanto apressada, veio com muitos erros de revisão. Aliás, o livro, que ele já vinha escrevendo há vários anos silenciosamente, foi mandado imprimir por seus parentes, sem a sua participação. E o lançamento, por iniciativa dos amigos, ocorreu em um restaurante da cidade do Recife, sem festa nem convites.

E apesar de tudo isso, meu amigo, com seu estilo reservado e modesto, produziu, em mais de 500 páginas, uma verdadeira epopeia da juventude rebelada romanticamente contra a ditadura militar dos anos 1964 a 1985, que assolou nosso país por tantos anos. Ele próprio foi um desses jovens, e pagou seu preço de prisão e exílio. Mas optou por não dar seu depoimento pessoal, recorrendo à ficção para atribuir maior abrangência à sua aventura geracional. Seus personagens não são reais, mas são rigorosamente verossímeis, espelhando todas as opções de vida dos que sobreviveram à repressão dos usurpadores do poder.

Li numerosos depoimentos dos que se deixaram levar, quixotesca-mente, pela voragem da luta armada contra a ditadura: Gabeira, Alfredo Sirkis, Carlos Eugênio Paz e tantos outros. E até de veteranos como Jacob Gorender e Paulo Cavalcanti (este,



Sérgio C. Buarque, autor de 'Geração D', chegou a ser preso e exilado durante a ditadura

FOTO: ARQUIVO PESSOAL / SÉRGIO C. BUARQUE

Seus personagens não são reais, mas são rigorosamente verossímeis

Clemente Rosas

como velho quadro do PCB, sempre contrário à opção pelas armas).

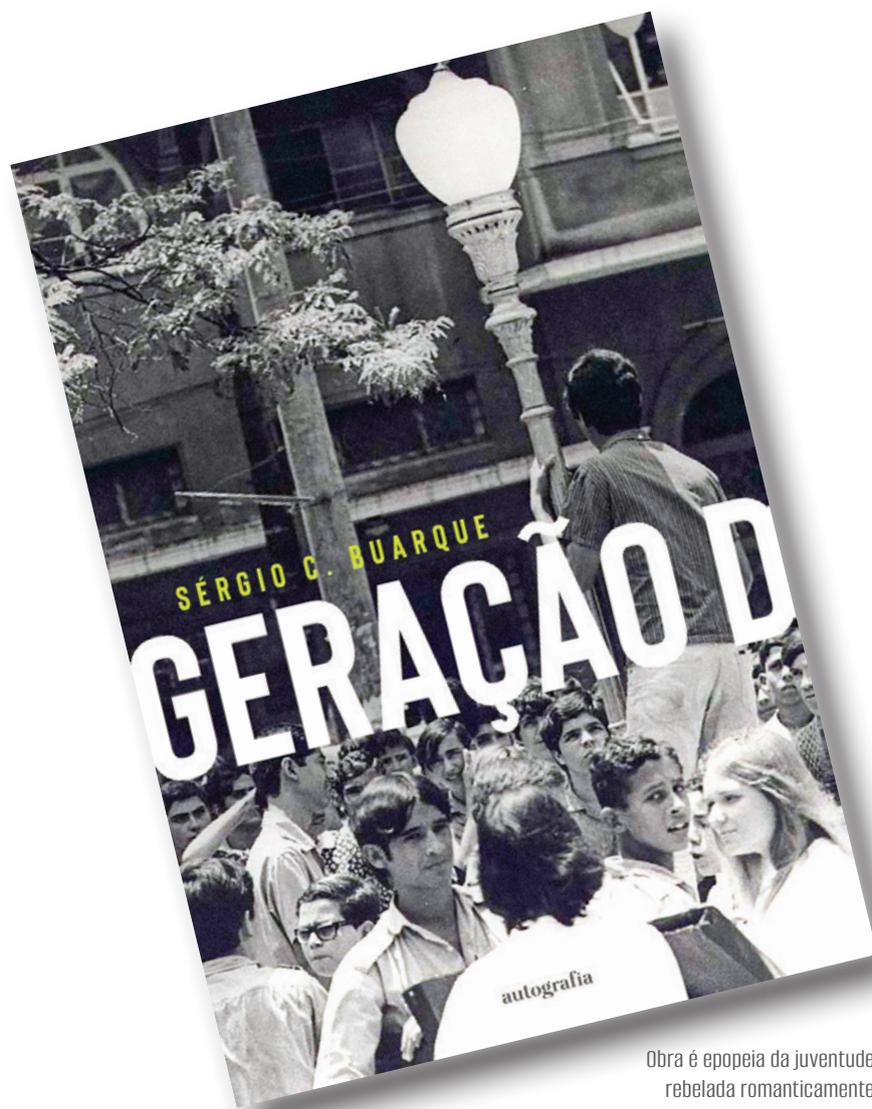
Os casos mais chocantes são o de Carlos Eugênio Paz – ligado à ALN de Marighela ainda adolescente, prestando serviço militar a conselho deste, desertando em seguida, e tendo a sorte de sobreviver sem ser preso – e os de Mário Alves e Eduardo Leite, o Bacuri, assassinados da forma mais brutal e degradante que se pode imaginar. C. E. Paz, o sobrevivente, teve que se tratar com psiquiatras, para aprumar a cabeça e assumir seu passado de luta inglória, que envolveu, entre outras ações, a execução de Henning von Boilesen, o organizador e financiador da tenebrosa Operação Bandeirantes.

Todos, porém, falam apenas de suas ações e do seu entorno. E não poderia ser diferente, em se tratando de memórias. Sérgio, no entanto, indo além dos seus dramas pessoais, vale-se da ficção, e engloba as diferentes vivências dos “carbonários”, ou “combatentes das trevas”, nas lutas, na derrota, e na eventual reconciliação dos que sobreviveram com a nossa vida comum de simples mortais. O resultado, aparentemente paradoxal, é o de que temos a ficção superando a realidade.

No livro, todas as crenças, inquietações e conflitos desses combatentes, cujo heroísmo não se pode contestar, são objeto de especulação. Há o caso da militante que, designada para seduzir um ministro da ditadura e levá-lo ao sequestro para ser trocado por companheiros presos, apaixonou-se pela vítima e frustra a operação.

Há o remorso invencível dos que, não suportando as torturas, “entregaram” os parceiros. Há os emigrados que, esperando encontrar em Cuba a sociedade idealizada de justiça, igualdade e liberdade, se frustram. Há, enfim, os que, ingenuamente, tentam renunciar à “sociedade capitalista” vivendo ao lado dela, como “hippies”, ou os que, simplesmente, fogem da vida que não se conforma aos seus sonhos, pela opção radical do suicídio.

Mas que reflexões o livro de Sérgio nos provoca? Os sobreviventes da longa noite de sombras devem ter a humildade de admitir que o velho PCB, o “Partidão” tantas vezes vilipendiado por sua suposta passividade, é que estava certo. A



Obra é epopeia da juventude rebelada romanticamente contra a ditadura militar dos anos 1964 a 1985

ditadura brasileira não foi **derrubada**, como apregoavam e propunham, foi **derrotada**, por uma conjunção de fatores, envolvendo a conjuntura internacional, um paciente trabalho de “costura” política entre esquerdistas, liberais e conservadores moderados, e até mesmo algo que, recorrendo a uma metáfora da engenharia, poderíamos chamar de “fadiga dos materiais”. As ditaduras não são eternas, nunca foram.

E quanto a nós outros, que nos acomodamos para viver a tal noite, postergando ou relativizando nossos sonhos e projetos de uma sociedade mais justa e igualitária? Com a devida reverência aos jovens que se imolaram pela sua causa, não podemos simplesmente entender que só nos cabe agora, na expressão de Voltaire, “cultivar o nosso jardim”.

Vivemos recentemente o risco de implantação de uma nova ditadura, ainda mais grotesca e brutal, afor-

tunadamente afastado, em grande parte, pela resiliência das cúpulas militares. E a possibilidade de uma recidiva está em aberto. Precisamos, pois, estar alertas, agindo no limite das nossas circunstâncias, com os recursos da democracia, e resistindo ao ceticismo expresso por Sérgio, com rara felicidade, pela boca de um dos seus personagens desencantados: “O cinismo é uma armadura protetora dos sentimentos. E o humor...um desvio valioso da desesperança”.

Clemente Rosas Ribeiro integrou o grupo de poetas conhecido como “Geração 59”. Publicou ‘Praia do Flamengo, 132’, ‘Coco de roda’, ‘Administração & Planejamento’, ‘Lira dos Anos Dourados’ e ‘Sonata de Outono’. Mora em Praia Formosa, Cabedelo (PB).

Kupriyánov em bom português

Astier Basílio

Especial para o *Correio das Artes*

Viatchesláv Kupriyánov nasceu em 1939, em Novosibirsk, na Sibéria. É um dos mais importantes representantes e propagandistas do verso livre na Rússia, autor de mais 10 livros e traduzido em mais de 40 línguas em todo o mundo. Em 2016, seu livro *Luminescência: Antologia Poética* foi publicado no Brasil com tradução de Aurora Fornoni Bernardini.

FOTO: DIVULGAÇÃO



РИСК МИРА

Осенние деревья рискуют цвести каждой весной
 риск цветения
 смертные рискуют родить смертных
 в погоне за фантастическим бессмертием
 риск рождения
 этот риск оправдывается единством жизни
 ее невероятным овладением временами
 пространствами
 риск жизни
 он оправдывается самой жизнью
 и потому на каждой живой планете
 против риска войны и вражды
 накапливается риск мира
 риск мира и доверия
 который в противовес риску войны и смерти
 оправдывается жизнью
 не только жизнью которая стала историей
 но и
 жизнью которая только наступит
 которая только тогда наступит
 когда мы все наберемся ума чтобы себе позволить
 не бесконечное иго обороны
 а риск доверительного мира
 смертельный риск
 мира

O RISCO DA PAZ(*)

As árvores do outono se arriscam a flor cada primavera
 o risco do florescer
 os mortais se arriscam a gerar mortais
 em um clima após o mais fantástico imortal
 o risco do nascer
 tal risco justifica-se pela unidade da vida
 seu incrível domínio temporário
 do espaço
 o risco da vida
 Ele se justifica pela vida própria
 e porque em cada planeta vivo
 contra o risco da guerra e inimizade
 amontoa-se o risco da paz
 o risco da paz e confiança
 que em oposição ao risco da morte e da guerra
 se justifica pela vida
 não só pela vida que se tornou história
 mas e
 pela vida que tão só irá caminhar
 que só irá caminhar quando
 quando nós todos nos valermos da razão e nos permitirmos
 não o infundável jugo da defesa
 mas o risco da confiança da paz
 o risco mortal
 da paz

(*) Tradução para o português: Astier Basílio



УДОВОЛЬСТВИЕ ОТ ЧАЯ

Удовольствие от чая
 В детстве когда еще не ценишь вкуса чая
 Но скоро догадываешься что чай
 Доставили к тебе далекому
 Великим чайным путем
 Удовольствие уже в Китае когда узнаешь что чай
 Это имя присвоенное целой страной
 Удовольствие от созерцания чайника
 С изображением летящих птиц драконов и облаков
 Так что кажется что чай настаивается на небесах
 Удовольствие от цейлонского чая
 Уже на чайной плантации в горах Цейлона
 Где небеса сами приникают к лепесткам чая
 Аромат его будет долго длиться в прохладной России
 Еще диковинное удовольствие от индийского чая в Калькутте
 Когда тебя будят в пять утра в миссии Рамакришны
 Настойчивым стуком в твою железную дверь
 Чтобы ты выпил индийский чай с молоком
 И понял где ты
 Черный индийский чай
 Почему бы ему не побрататься навеки
 С зеленым китайским чаем
 Разве это не удовольствие
 Когда пьешь чай с единомышленниками
 Медленными глотками
 Мешая вкус чая с мудрой беседой
 Удовольствие от горячего чая
 Созревшего для тебя в теплых краях
 Когда ты пьешь зимой в Сибири
 Удовольствие от воспоминаний
 Обо всех тех
 С кем когда-либо спокойно пил чай
 Не торопясь в грядущее

O PRAZER DO CHÁ(*)

Na infância ainda não apreciavas o sabor do chá
 Mas logo presumirias que o chá
 Foi entregue a ti pelo longínquo
 e grande caminho do chá
 O prazer já se encontra na China quando ficas sabendo que chá
 é o nome atribuído a um país inteiro
 o prazer da contemplação de uma chaleira
 Com a imagem de aves voando de dragões e nuvens
 Assim o que diz respeito ao chá se mantém nos céus
 o prazer do chá que vem
 desde a plantação de chá das montanhas do Ceilão
 Quando o próprio céu se agarra às pétalas do chá
 e seu aroma irá por muito tempo partilhar-se pela Rússia fria
 Há ainda outro selvagem prazer do chá indiano em Calcutá
 Quando te despertam às cinco da manhã na missão de Ramakrishna
 Com batidas insistentes na tua porta de ferro
 para que bebas um chá indiano com leite
 e compreendas onde estás
 o preto chá indiano
 E porquê não com ele se irmanar para sempre
 com o chá verde chinês
 quer dizer que isso não é prazer
 quando bebes chá com quem está em um só pensamento
 na lentidão dos goles
 misturando o chá do saber com uma conversa sábia
 O prazer do chá fervendo
 que ficou maduro para ti dos rincões quentes
 quando tu o bebes no inverno na Sibéria
 o prazer da recordação
 sobre todos aqueles
 com quem você em paz já bebeu chá
 sem apressar o futuro.

Astier Basilio é jornalista, poeta, escritor, dramaturgo e pesquisador. Venceu o prêmio Funarte de Dramaturgia em 2014 e foi finalista do prêmio Sesc de literatura na categoria romance em 2017. Nasceu em Pernambuco, mas viveu até a fase adulta entre Campina Grande e João Pessoa, na Paraíba. Mora em Moscou, na Rússia.



Amador Ribeiro Neto

amador.ribeiro17@gmail.com

festas semióticas

Stênio Gardel estreja com romance sobre casal de gays sertanejos idosos

Raimundo Gaudêncio tem 71 anos. Guarda uma carta que Cícero, seu o amor da juventude, proibido pelas famílias de ambos, enviou-lhe. A ação se passa em algum lugarejo do sertão nordestino. A carta ainda não foi lida. Raimundo é analfabeto. Cícero sabia disso. Mesmo assim escreveu-lhe, numa situação enigmática. Agora, passados mais de cinquenta anos, Raimundo está disposto a alfabetizar-se para lê-la.

Assim se inicia o romance de estreia de Stênio Gardel, *A Palavra que Resta*, que acaba ser contemplado com o National Book Award, um dos principais prêmios literários dos Estados Unidos.

Nascido em Limoeiro do Norte, no Ceará, em 1980, Stênio Garcia trabalha no Tribunal Regional Eleitoral do Ceará e é especialista em Escrita Literária. Desde 2017 publica em diversas antologias de contos. Este é seu primeiro livro e foi publicado pela Companhia das Letras em 2021. Pelo que me pude constatar, não foi resenhado, até o momento, por nenhum caderno de cultura de nenhum jornal da grande mídia. Apenas canais de cultura do Youtube comentaram-no, mesmo assim, sem profundidade. Exceção ao de Isabella Lubrano, que analisa sua estrutura de composição, relaciona tema e linguagem com consistente argumentação teórica. Ainda que se discorde de sua avaliação, não se pode deixar de reconhecer a coerência entre o embasamento e a postura literária adotada.

Infelizmente outros comentários apoiam-se em avaliações

emotivas e/ou de identificação pessoal ou identitárias, deixando de lado o essencial, quer seja, a questão literária. Afinal, trata-se de um romance – em primeiro lugar.

Machismo, homofobia, transfobia, dentre outros preconceitos e temas, sobejam na narrativa. E têm sua importância social, antropológica. Mas o externo (no caso, o social, etc.) só adquire importância quando é convertido em interno (no caso, em estrutura literária, ou seja, em literatura propriamente dita), como bem apregoa Antonio Candido em seus textos. Por isso mesmo, *A Palavra que Resta* é um cuidadoso trabalho de linguagem. A tal ponto ela é valorizada que o leitor entra no romance sabendo, pela sinopse, a trama de toda a narrativa. Não é o que se conta que importa, mas o modo como é contado. E isso Stênio Gardiel faz muito bem.

Não há suspense, mistério, tramas por desvendar, – a não ser aquela “palavra que resta”, quer seja, o conteúdo da carta que Raimundo guarda por tantas décadas. Uma relíquia pessoal, um enigma

Machismo, homofobia, transfobia, dentre outros preconceitos e temas, sobejam na narrativa de Stênio Gardel em seu romance de estreia, 'A Palavra Que Resta'



FOTO: FERNANDA OLIVEIRA/DIVULGAÇÃO

que somente ele pode desvendar, já que a leitura feita pela voz do quebra o encanto da subjetividade. Só a ele cabe esta missão: ler a carta que lhe é destinada. Missão particular, singular, única.

Por aonde vai, o envelope, amarrado pelo tempo e pelas circunstâncias, é sua companhia, colado a seu corpo, ao seu imaginário. É Cícero, a quem ele leva consigo. Com quem conversa, indaga, se inquieta, brada, a quem ama, quem o acalma.

O *bullying* sofrido pelos dois nas estradas e ruas da cidadezinha do interior. As sovas do pai de Raimundo com porrete sangrando-lhe as costas todo final de tarde depois do trabalho no roçado. As lembranças do pai de Raimundo, cujo irmão gay o próprio pai afogou-o num rio por vergonha social e para livrar a desgraça da família. Agora ele mesmo sova o filho enquanto faz visitas à cruz às margens do rio em que o irmão fora afogado – e se desespera.

Tragédia grega no sertão nordestino que parece não ter fim. A mãe de Raimundo dá luz a meninos gêmeos que nasceram extremamente frágeis, beirando à morte. O marido se exaspera. Raimundo afaga os irmãozinhos no colo. Mas continua recebendo as sovas todo fim de tarde. A mãe, antes paciente, cisma em saber o motivo. Amaldiçoa Raimundo culpando-o pela morte dos gêmeos como castigo de Deus por seu pecado de sexo. Expulsa-o de casa, sem piedade. Ele, que já recebera a carta de Cícero, vaga à deriva.

A linguagem de Stênio Gardel então mistura narrador e personagens. Pontuações mesclam-se num jogo em que diálogos e pensamentos vão num vaivém de imaginário e realidade. O conciso funde-se com o complexo. O lógico com o onírico. O persuasivo com o delirante.

Ora frases curtas. Ora parágrafos longos, sem ponto final. Ora fluxo de consciência. Ora diálogos com travesões e tudo diretamente posto. As primeira e terceira pessoas mesclam-se, o leitor se atrapalha. Um analfabeto pode muito bem querer bem e pode atrapalhar-se e dizer e pensar muito mal. Em especial, coisas que sente, coisas que lhe são proibidas por códigos sociais rígidos. Coisas morais pessoais introjetadas até inconscientemente. A linguagem reflete e refrata tudo num jogo de forma e fundo, num jogo de assumir-se como verossimilhança.

Sem rumo na vida e dentro de si,

Raimundo Gaudêncio ofende na calçada, depois de sair de um cinema de pegação, uma travesti para depois agredi-la fisicamente com fúria e violência. Até um dia perceber que era a si que reconhecia-se nela, Suzzanny, de quem ficará amigo no hospital, para onde ele próprio a socorre.

Não há vilões e bom mocinhos neste romance. Os próprios pais que espancam e expulsam o filho têm sua história de preconceito estrutural ancorada na ignorância, na pobreza, na falta de acesso à educação, à informação, na falta de acesso às mínimas condições de sobrevivência humana. Raimundo não estudou porque fazia falta como mão de obra no roçado pra colocar comida, ainda que parca, na mesa da família.

A Palavra que Resta é estruturado em breves capítulos, escrito explorando a oralidade do universo das personagens, o que garante leveza à leitura e fidedignidade à narrativa. Faz uso de termos e expressões marcadamente nordestinas (diria que algumas exclusivamente cearenses – daí a desconfiança do leitor de que o protagonista seja cearense – e não por aproximação com a biografia do autor).

Passado e presente são intercalados continuamente esclarecendo o universo psicológico e histórico do protagonista, mas não só dele. Recurso usado com pertinência e encanto. A narrativa das



Pontuações mesclam-se num jogo em que diálogos e pensamentos vão num vaivém de imaginário e realidade

lembranças do amor entre dois gays sertanejos, agora idosos, em nenhum momento perde o vigor. Ao contrário, o trabalho com a linguagem é o outro protagonista que mantém o leitor atento à leitura.

O tempo todo o leitor maravilha-se com as soluções de linguagem do texto que em nada deixam transparecer um trabalho literário, em nada transpiram literatura. Ao contrário, a naturalidade do texto coloca-se neste romance em que a grande literatura está na mais sofisticada simplicidade.

?

Para que o leitor vislumbre, “*en passant*”, a linguagem de Stênio Gardel, transcrevo um segmento da p. 14, de um romance de 149:

A palavra que resta já tem importante lugar na estante da literatura brasileira contemporânea.

Trabalhavam os dois sozinhos, roçando as terras do pai de Cícero, dias depois. Uma chuva fina e ligeira excitou o chão. A vista de Raimundo escapulia até o corpo do outro, de peito duro descamisado, coberto de suor e poeira. Paisagem que desperta num pássaro preso o desejo de voar. Raimundo gaiola. Se Cícero percebia, Raimundo acoitava o olhar, mas o brilho da foice lhe cortava logo a paciência, e ele de novo logo se afoitava a encarar o amigo, contando que a cabeça decidisse se iria querer o que o corpo queria.

- Que foi Gaudêncio?

Eita, e agora? Vai brigar comigo, espalhar pro povo todo, Raimundo baitola, Que história é essa de ficar me encarando? que que tu foi fazer, Raimundo? ele é meu amigo, vai dizer nada não, não era nada de todo jeito, Nada não.

Quis responder, não respondeu, mas respondeu. Cícero se aproximou devagar, chegou bem perto, assim, o rosto a um palmo do rosto de Raimundo, com uma mão agarrou a nuca dele, com outra apertou sua cintura. Raimundo não se mexeu. Se findou nos olhos castanhos, tateando o calor que rastilhava o corpo e dilatava as veias, sem saber onde pôr a cabeça, as mãos, os pés, o membro que crescia entre as coxas. Terra saliva línguas braços pernas bocas fome vida.

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico literário e professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

ensaio

O realismo interior do Bruxo de Cosme Velho, cujos textos mergulham na psiquê humana e a obra transborda os dramas e cotidianos de uma nação recém-alçada à condição de independência

Ensaio sobre o ceticismo em Machado de Assis

Eduardo Luna
Especial para o *Correio das Artes*

É um verdadeiro lugar-comum da crítica machadiana o ressaltado da investigação psicológica empreendida por Machado de Assis no decorrer de sua abundante e versátil carreira artística. Fruto de um expediente literário que busca “descer à essência dos seres, para lhes interpretar o mistério, em vez de se contentar com a forma e o colorido de suas aparências”, tal veio forma um dos aspectos mais notáveis da obra de nosso maior escritor, um aspecto, é bem de ver, posto a serviço da programação estilística de Machado que procura desvendar e esculpir a realidade humana desde o cubículo intrincado da mente até o asfalto concreto da vida onde a carpintaria romanesca de sua pena encontra materialidade e organismos pulsantes à espera de fabulações.¹

Com efeito, o dito “realismo interior” de Machado penetra “com paciência de ourives no mundo psicológico” de jeito a atingir “camadas inconscientes”, “zonas obscuras” ou “pouco visitadas” da psique humana. Tudo isso mediante uma estética vocabular dotada de uma beleza epidérmica patente, uma estética hábil que retrata, qual pinceladas precisas numa tela, paixões incontidas e demais inquietações da alma que arrastam as personagens a um sem-fim de situações ficcionais nas quais estas mesmas personagens entram a exteriorizar os impulsos psíquicos aí gritantes e propensos a comandar o mundo-da-vida em meio a intersubjetividade das relações.²

Não é à toa que, subido o pano da ação machadiana, o que menos importa é a sequência dos episódios objetivamente considerada que conduz a trama e anima a movimentação do palco (a “fabulação organiza-se com o mínimo de acontecimentos e com o máximo de análise”), que o interesse central repousa na programação psicológica das personagens, vale dizer, os motores mentais que desencadeiam os sucessos e as reações psíquicas destas entidades ficcionais despertadas pela factualidade posta com economia pelo narrador-observador.³

Refletindo a perícia machadiana o realismo literário de seu tempo, ao menos no que tange à fase madura de sua produção, não se furtou o romancista de *Dom Casmurro* a oferecer um bom alimento ao consumo de seus contemporâneos (e de todos nós vida afora) através de narrativas

que punham este público apetente como que diante um avatar literário que então transbordava (e ainda hoje transborda) os dramas e cotidianos de uma nação recém-alçada à condição de independência, uma nação em cujas intrigas burgueses então em escada de gradativa ascensão e senhores de terras detinham a comandância do cetro social e inspiravam a produção literária em voga.

E nessa composição, diz a fortuna crítica a grandes vozes, o repertório da fauna humana é descrito em tom marcado por contundente crítica moral e junto com a confeição de enredos em cujos cenários figuram propósitos pecuniários vis, a livre tendência ao narcisismo e à formulação de jogos nada altruísticos. Enfim, propósitos egoísticos que, pode-se dizer, estão sempre à espreita e a ponto de romperem o traçoeiro véu da aparência que ilude e disfarça a face sombria da vida.

Coisa de ser vista no longe do olho nu, tal desenvoltura machadiana é alvo de especificações analíticas que merecem aqui um acento tônico. Alfredo Bosi, por exemplo, é preciso na adução de que Machado primeiramente “morde” o “barro comum da humanidade” na feitura de seus projetos ficcionais, morde no sentido de desnudá-la no flagrante de seus atos mais vis e reveladores de más obras; após, mediante termos civilizados, termos de um autêntico diplomata, sem berraria ou truculência a nos embrulhar o estômago, o bruxo fluminense subtilmente “assopra”, num estilo “crítico” e dotado de “tom concessivo”, que finalmente remete o leitor já então compensado à constatação de que o barro “é afinal comum a todos”.⁴

Também Antonio Candido reconhece o “escritor poderoso e atormentado” ou o “desolado cronista do absurdo” que não faz praça de si mesmo nem de suas pregações ao som de recursos literários que lhe revigoraram as cordas vocais, ao invés, escreve o crítico carioca, o que é saliente em seu estilo é o propósito de “descobrir o mundo da alma, rir da sociedade, expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade” das gentes. Tudo isso disfarçada e sobriamente, sob a “cutícula do respeito humano e das boas maneiras”, que o objetivo é “desmascarar” sem a bisbilhotice de quem faz alarde mediante baterias retumbantes.⁵

A concordarmos com os autores citados, indagamos: não é este o ficcionista que nos põe diante do olhar um esposo supostamente traído à bica de promover o assassinio do próprio filho por supô-lo fruto do adultério de sua ingrata consorte, ao tempo em que é dado a suspender a narração e convidar a leitora a pular o capítulo amoral para assim prevenir espasmos de perplexidade no centro de sua cândida alma?; não é o mesmo que dá aparição a uma turba de comensais inescrupulosos diante da ingenuidade de uma triste personagem em franco estágio de decomposição dos nervos, o próprio que costuma antes advertir o espírito sensível de seus leitores de que não concordarão com os males causados ao herói então em transe?

De fato, a arte de Machado é extremamente cuidada: ora previne o leitor atento a seus enredos sobre impactos prestes a acontecerem, não sem uma ponta de zombaria no método empregado, ora o conduz de mistura com o escândalo subtilmente traçado, fazendo-o, bem observa o mestre baiano Jorge Amado, “mais próximo do ceticismo do que da confiança no homem, mais do pessimismo em relação à vida que do otimismo voltado para o futuro”, em suma, fazendo-o sempre de forma muito bem polida, de modo que “a voz não se altera em gritos”.⁶

É mesmo difícil enjeitar que a tinta da melancolia de *Brás Cubas* impregna o painel que, oriundo da paleta do Bruxo, ainda no raiar de nossos dias, ilumina a compreensão que mantemos em face da realidade tempestuosa do mundo, sendo pertinente anotarmos, a título de cobrirmos de razão as pegadas de Machado, a ótica igualmente pessimista de Edgar Allan Poe, segundo a qual “o mais sensato olho da Razão” enxerga diante de momentos de nossa “triste Humanidade” a “aparência de um Inferno”, um inferno, é o nosso pensar, que não se desprende do quadro da vida pelo interesse maior que nutrimos ante o fruto proibido da árvore do saber, inexistindo nesse estado de coisas o fluxo persuasivo de uma imaginária serpente que, nos bastidores, estaria a nos insuflar o instinto rumo a um inóspito Vale de Lágrimas.⁷

O que fica dito lança-nos em rosto a condição de plateia que assiste ao desfile das próprias misérias e aguarda, pesarosa e resignada, consequente

punição exemplar. No entanto, para adoçarmos som e imagem e esclarecermos gregos e troianos, seja-nos permitido recordar que nem só de castigo vive a dinâmica celestial, que o perdão é o outro lado da moeda que encarece a estereotipia cristã no fundo de nossa compreensão sobre as coisas do Altíssimo.

Verdadeiramente, colada à expulsão dos primogênitos do Éden no início de tudo, seguiu-se a mais completa coletânea de misericórdia sobre a vastidão do pecado que a criatividade humana é capaz de acordar, muito embora inefetiva quanto ao propósito de assentamento de uma vida mais digna, tal coletânea ao menos nos garante que sempre haverá uma condescendência divina de sobreaviso em cada desvão de nossas iniquidades.

Tornando ao que deixamos em cima da mesa, já agora podemos avançar que o ceticismo machadiano e a pungente crítica moral que lhe vêm à frente abeberam-se muito pronunciadamente no que Barreto Filho batiza de cláusula da “restituição ou compensação em série”, segundo cuja dicção o encadeamento das pessoas no mundo-da-vida, ou melhor, o fato de todas estas estarem ligadas umas às outras e postas em degraus de consideração social diversos (evidentemente pelo cabedal ou nomeada envolvidos), em razão desta escadaria social, frisamos, os que estão em patamar superior extraem proveito em face daqueles que “estão colocados no elo imediatamente inferior”, podendo tal molde ser bem expresso na síntese do autor que arremata: “Dominados e oprimidos pelos que estão em cima, os homens se compensam oprimindo e dominando os que estão em situação inferior”.⁸

A bem dizer, semelhante cláusula constitui pura e simplesmente uma das musas do gênio machadiano, que a pontaria que lhe é característica, afiada a mais não poder, não desfalece enfasiada em planície cor-de-rosa e despida de espectros vivos, antes pelo contrário, ganha fôlego em cemitério sombrio onde cada luto aí existente representa uma alma perdida e a constatação de que o pecado terreno forma o denominador comum dos rastros deixados pelas individualidades ao longo do percurso da vida.

Para verticalizarmos a matéria, é bom de ver que o próprio Machado fornece-nos pistas no seguimento das

quais identificamos algo do ceticismo que lhe marca muito vincadamente o perfil literário. Ilustrativamente, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a dita “geologia moral” por ele esboçada revela que há “camadas de caráter” revestidas duma espécie de “dignidade fundamental” e resistentes ao “comércio dos homens”, aí residindo uma aparente perspectiva do narrador que compreende, como se diante de um naufrago inserto em ilha perdida estivesse, uma “camada de rocha” alheia à erosão pululante das intempéries da vida. De parceria com isto, acrescenta que camadas outras, postas à superfície dos acontecimentos, e diante do “enxurro perpétuo” do mundo-da-vida, são varridas tal qual poeira em alto mar que não resiste ao menor sopro de vento que contra si descarregue contrariedade.⁹

No entanto, voltando sobre os próprios passos, ainda sob a voz de Brás Cubas, Machado cuida de discutir as causas motrizes dessas afirmadas camadas de caráter e de suas eventuais benfeitorias prestadas em território alheio. Nessa discussão, atira que tais benfeitorias correspondem a aberturas de janelas com vistas a arejar-se o espírito contrito diante do mal imediatamente levado a efeito pela criatura então em dinâmica de disseminação de iniquidades, como se tudo estivesse

a configurar um jogo de interesses a título de compensar a consciência então sob a investida de lufadas de ar que, finalmente, confortam-lhe o estado e permitem a subsistência sem traumas.

É tempo de concluirmos e vamos fazê-lo prontamente. Embora inesgotados os vetores do pessimismo de Machado, evidentemente pela economia que imaginamos dedicar ao presente estudo, autorizados estamos a avançar rumo à consideração derradeira de que a ótica cética aqui presente é a do veículo que transporta simultaneamente um “tormento” e uma “delícia”, ou seja, um “tormento de não poder crer nas criaturas, de lhes perceber todos os cálculos, todas as espertezas”, e, ademais, um gosto, uma espécie de prazer artístico “de ver como nascem e morrem as paixões, de ser o espectador que aprecia a um tempo a plateia e os bastidores”. Enfim, eis o veículo do grande prosador e os seus respectivos subprodutos, cujo combustível traduz em si o “fruto da simpatia humana aliada ao pendor crítico”, afinal de contas, no íntimo de um mestre que dedicou o curso da vida ao artesanato de seu projeto literário, assim enaltecendo a nossa república das letras, neste íntimo, estávamos a dizer, havia um “coração que se compadecia” e um “espírito que buscava explicações”.¹⁰

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) Josué Montello. *Santos de Casa. Estudos de Literatura*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966, p. 44.
- (2) Massaud Moisés. *Machado de Assis: Ficção e Utopia*. São Paulo: Cultrix, 2001, p. 32.
- (3) Idem, p. 47.
- (4) Alfredo Bosi. *Machado de Assis: O Enigma do Olhar*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 11.
- (5) Antonio Candido. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 18.
- (6) Jorge Amado, *Povo e Terra: 40 Anos de Literatura*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 10.
- (7) Edgar Allan Poe. *O Escaravelho de Ouro e Outras Histórias*. Tradução de Marta Fagundes. São Paulo: Pandorga, 2018, p. 86.
- (8) *A Literatura no Brasil. Volume I*. Direção de Afrânio Coutinho. São Paulo: Global, 1999, p. 160.
- (9) Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 188.
- (10) Lúcia Miguel Pereira. *Machado de Assis: Estudo Crítico e Biográfico*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, pp. 192-193).

Eduardo Luna é advogado criminalista, pós-graduado em Direito Constitucional, mestrando em Ciências Criminais pela Faculdade Autônoma de Lisboa (Portugal).

Romance

Cláudio Feldman

Especial para o *Correio das Artes*

1

Quando o crítico literário Wilson Cândido Coutinho faleceu, sua filha Myrthes viu-se diante de uma biblioteca de 4 mil obras, que ocupavam quase toda a residência.

O que fazer com tal acervo, ela que não tinha a gana de seu pai por livros e, com o tempo, adquirira até certa aversão pela poeira?

Resolveu desfazer-se da maioria e, talvez, da grande casa térrea que abrigava as estantes, mudando-se para um apartamento menor, onde seu solteirismo dividiria o espaço com um gato.

A provável sobra do dinheiro garantiria um bom tempo sem se preocupar com despesas.

Para tanto, era necessário desbastar a floresta de papel, preservando, contudo, em memória do pai, uma parte do que ele acharia essencial.

Vivera como sua secretária, conhecia as preferências.

Então colocou seus óculos de cinquenta e iniciou a cansativa tarefa.

2

No terceiro dia de pesquisa, encontrou um livro grisalho, mas cujas folhas não haviam sido abertas com a espátula.

Leu o título: *Caminhos Cruzados*, romance de Érico Veríssimo.

Myrthes naturalmente conhecia o autor, que, inclusive, fora fotografado junto a seu pai, numa feira do livro, porém não se lembrava de possuir este volume.

Ao colocá-lo na pilha dos aceitos, reparou que, dentre as folhas, havia um canto de envelope.

Curiosa, perguntou-se o que seria.

Era uma carta fechada, com seu nome como destinatária; o remetente, Humberto Souto.

O nome despertou-lhe fundas emoções; a sua mão, ao rasgar o envelope, tremia.



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Saiu uma folha de papel dobrada em quatro, que os seus dedos, ávidos, desdobraram.

Uma escrita, cuja tinta desmaiara com o tempo (30 anos!), dizia:

3

“ São Paulo, 30 de maio de 1963

Cara Myrthes:

Somos amigos, fomos colegas de estudo e, justamente por isto, não consigo declarar-lhe o meu amor face a face.

Serei o homem mais feliz do mundo se me aceitar como futuro marido.

Amanhã voltarei à sua casa e uma palavra sua será minha ventura ou inferno.

Ponho em suas mãos esta decisão e os *Caminhos Cruzados*, do grande Veríssimo.

Humberto Souto “

4

O rosto de Myrthes assumiu uma dupla expressão: perplexidade e tristeza.

Lembrou-se do último dia em que Humberto estivera em sua casa, porém o tal livro lhe escapava da mente.

Era provável que a empregada de sua mãe, que detestava coisas fora do lugar, encaixara aleatoriamente a obra à estante e lá ela se perdera no labirinto.

Uma agulha no palheiro!

Além do mais, como notar um ro-

mance de papel, mesmo de um mestre como Érico Veríssimo, quando Humberto, belo e agradável rapaz, electricista de olhos e cabelos luminosos, estava na sala?

Myrthes estranhara seu desaparecimento, após a derradeira visita, ainda mais que ele transbordava de carinhos, que iam muito além da habitual camaradagem.

Só agora, com a descoberta da carta, entendia a atitude de Humberto ao se oferecer como voluntário da Cruz Vermelha, na África: a ausência de um “sim”.

5

Myrthes, abalada até as entranhas, precisou sentar-se numa cadeira ou iria desabar, levando consigo um muro de livros.

Sua dor crescia, tanto pela vida “ que podia ter sido e que não foi”, conforme o verso de Bandeira, quanto pelo desaparecimento de Humberto nos confins africanos.

Alguma possibilidade de volta?

E agora- ironicamente- só lhe restava um romance chamado *Caminhos Cruzados*, para lhe presenciar o querido jovem...

6

Bem, mas era necessário enxugar a garoa dos olhos nos óculos, pois ainda faltavam 3 mil livros para conferir.

Cláudio Feldman é professor aposentado de Língua e Literatura e autor de 60 livros; o mais recente é 'A Mão de Edgar Allan Poe' (contos, Editora Taturana, 2023).



Analice Pereira
marianalice@hotmail.com



clarisser

A terra dá, a terra quer

“Dentro do reino vegetal, todos os vegetais cabem, dentro do reino mineral, todos os minerais cabem. Mas dentro do reino animal não cabem os humanos. Os humanos não se sentem como entes do ser animal. Essa desconexão é um efeito da cosmofobia”

Nêgo Bispo

Entra ano e sai ano e a ideia que permanece na ordem do dia é a de que o planeta Terra está colapsando. As retrospectivas de final de ano têm colocado em relevo notícias com imagens de tragédias ambientais, consequentes da terra aquecida no seu limite, e tendo o desmatamento como uma das causas principais. Quando essas notícias focam o Brasil, onde se localiza uma das maiores florestas do mundo, parece que nossa responsabilidade aumenta, especialmente porque o mundo inteiro volta seu olhar para nós.

Resistência vira, então, a palavra da vez. Daí a importância de ouvir/ler aqueles e aquelas que têm, na resistência, o seu lugar primordial de luta e de fala, como, por exemplo, Antônio Bispo dos Santos, mais conhecido como Nêgo Bispo, e seu

livro *A Terra Dá, a Terra Quer*, de cuja leitura não tem como não sair afetada, tanto pelo seu conteúdo quanto pela sua forma e linguagem.

Lançado pela Ubu Editora em 2023, *A Terra Dá, a Terra Quer* discute temas essenciais para que possamos pensar em alguma

transformação na postura que temos tido em relação à preservação de uma vida sem a qual a nossa (vida humana) se tornará impossível. O livro reúne reflexões de um intelectual quilombola, nascido e criado em meio à luta travada com uma sabedoria que o autor atribui à sua ancestralidade. Primeiro de sua família a ter acesso à escola, mas sem formação acadêmica de nível superior, Nêgo Bispo também foi poeta e preferia ser chamado de “relator de saberes”.

Dentre os temas discutidos no livro ora comentado, destaca-se o colonialismo, conceito problematizado em função de apresentar um caminho racional possível que ele chama de contracolônialismo. Vale muito a pena ler para entender seus objetivos e reconhecer causas e consequências de um sistema criado para um *modus vivendi* que não respeita a vida da qual as demais vidas, inclusive a nossa, dependem diretamente.

A Terra Dá, a Terra Quer já é, por si só, um título instigante. Na página 91, o autor afirma que “Quando dizemos isso, não estamos falando da terra em si, mas da terra e de todos os seus compartilhantes”. Importante se ater ao que ele define por “compartilhantes” e “confluentes”, conceitos caros ao seu argumento, construído com base em experiências próprias e leituras de mundo que o auxiliam no entendimento da vida como algo que tem começo, meio e começo, num movimento cíclico.

Do todo da sua discussão, há um ponto que chamou minha atenção e, certamente, tem a ver com minha atividade de professora de literatura. Observo, nesse ponto em especial, uma ligação com aquelas ideias de Walter Benjamin¹ acerca do ato de narrar, em



FOTO: ARQUIVO PESSOAL/ANALICE PEREIRA

Nêgo Bispo, durante sua passagem por João Pessoa, em novembro do ano passado, poucos dias antes de falecer, em decorrência de parada cardiorrespiratória

¹ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. 7a ed. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. Tanto “O narrador” quanto “Experiência e pobreza” estão referenciados nesta publicação.

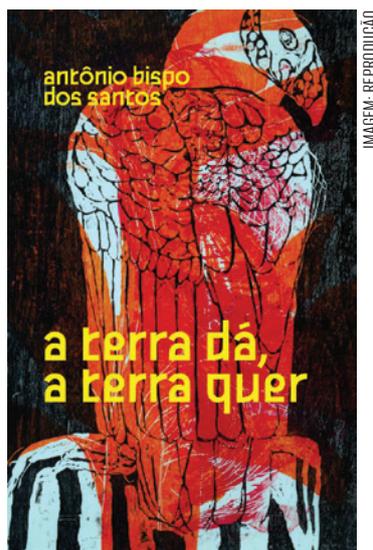
dois dos seus textos clássicos: ‘O narrador’ e ‘Experiência e pobreza’.

Para reconhecer que o narrador de papel tem sua origem na narrativa oral, Benjamin recorre aos narradores anônimos, dentre os quais destaca o marinheiro comerciante (que compartilha experiências pelo mundo afora) e o camponês sedentário (que compartilha as experiências de sua própria aldeia), ambos se interpenetrando. Vejamos nas suas próprias palavras: “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (p. 198).

O contexto em que ele se insere – a Guerra Mundial e as consequentes crises da primeira metade do século 20 – no entanto, é condicionante para que Benjamin aponte para o fim da arte de narrar “porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra das trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome e a experiência moral pelos governantes” (p. 115).

A convergência, entre esses dois pensadores – Bispo e Benjamin – com quase um século e um imenso oceano de águas e ideias separando-os, está na valorização da arte de narrar como forma de compartilhamento de experiências (*erfahrung* em alemão). Se Benjamin aponta para o risco do fim da arte de narrar, mesmo que observe o significativo valor do narrador de romance, não “por descrever pedagogicamente um destino alheio, mas porque esse destino alheio, graças à chama que o consome, [poder] dar-nos o calor que não podemos encontrar em nosso próprio destino” (p. 214), Nêgo Bispo sinaliza a importância da tradição da narrativa oral anônima, quando ele relata, por exemplo, o seguinte:

No quilombo, contamos histórias na boca da noite, na lua cheia, ao redor da fogueira. As histórias são contadas de modo prazeroso e por todos. Na cidade grande, contudo, só tem valor o que vira mercadoria. Lá não se contam histórias, apenas se escreve: escrever histórias é uma profissão. Nós contamos histórias sem cobrar nada de ninguém, o fazemos para fortalecer nossa trajetória. E não contamos apenas as histórias dos seres humanos, contamos também histórias de bichos: macacos, onças e passarinhos.



Livro reúne reflexões de um intelectual quilombola, nascido e criado em meio à luta, travada com uma sabedoria que o autor atribui à sua ancestralidade

[...] Quando éramos crianças, armávamos arapucas para pegar codornizes. [...] Ela fingia de morta debaixo da arapuca. ‘Como foi que ela morreu? Será que foi cobra?’, pensávamos. E um pássaro que não vimos como morreu não podemos comer. [...] tirávamos a codorniz morta e a colocávamos de lado. E, de repente, ela voava! A codorniz não tinha morrido coisa nenhuma, era um truque. A codorniz ensinava como se esconder, como se disfarçar. Nas cidades, é nas novelas e nos teatros que o povo se finge de morto.

Bispo chama a atenção, dessa forma, para a narrativa oral como atividade que faz parte da vida orgânica da sua comunidade, equivalendo a falar, andar, pescar, caçar, plantar, colher; enquanto Benjamin, afetado pelo seu contexto, defende-a como algo do qual depende a narrativa de papel, especialmente quando afirma que “O grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais” (p. 214), reflexão elaborada há quase cem anos, quando se vivia a barbárie das guerras.

Seguimos vivendo, além das barbáries de guerras, sejam de fundo político ou religioso, a iminência do colapso do

planeta. A terra grita, reivindicando um “basta” porque ela quer o que dá para poder dar de volta, ciclicamente. É essencialmente isso que está na base do argumento de Nêgo Bispo, cujos ensinamentos são devidos, como ele mesmo declara, aos seus mestres e mestras de ofício.

Sendo assim, podemos pensar a tradição oral, a partir de ambos os pensadores, como basilar para a feitura de um livro. O próprio *A Terra Dá, a Terra Quer* é exemplo disso. Num formato mais próximo ao ensaio, Bispo constrói suas reflexões lançando mão de relatos de vivências (portanto, narrativas) que funcionam como exemplos práticos ilustrativos na discussão dos conceitos a que ele recorre para a sua argumentação, numa atitude extremamente pedagógica, engajada e reivindicativa.

Por exemplo: para discutir as palavras que semeou – biointeração, confluência, saber orgânico, saber sintético, saber circular, saber linear, colonialismo, contracolonialismo – ele narra suas histórias de infância e adolescência, desde o adestramento de bois à experiência na favela; para discutir “cosmofobia”, conta como foi criado, andando descalço, pisando fezes de galinhas e de quando saiu, aos dezotois anos, para conhecer a cidade; para discutir os conceitos de “confluência” e “compartilhante”, narra a sua vida na caatinga... e por aí vai.

Talvez possamos ver Nêgo Bispo como um porta-voz das reivindicações da terra-mãe. Seu saber, oriundo do que lhe transmitiam oralmente seus antepassados, comprova a força e a potência da narrativa oral na sua formação e no seu propósito de formar cidadãos conscientes dos problemas do seu meio. Lamentavelmente, faleceu aos 63 anos, vítima de uma parada cardiorrespiratória, no dia 4 de dezembro de 2023, em sua casa, na comunidade quilombola Saco Curtume, em São João do Piauí. E, ao que tudo indica, a sua última fala pública aconteceu no campus João Pessoa do IFPB, no dia 25 de novembro, a convite do professor João Edson Rufino, coordenador do NEABI (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas).

Analice Pereira, é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção.

Mora em João Pessoa (PB).

Caju

Duas ou três palavras
Seriam necessárias
Para atribuir-lhe cor
Textura e formato.
Porém difícil
Entender a água da carne
Entre o travoso e o doce
Entre o beijo e o agravo.

Eternidade

Somos maiores
Do que os Deuses:
Podemos morrer.

Costura

Esgarçar-se
À custa
De coser os remendos.

Furar-se
À medida
Que a agulha junta os trapos.

Penélope

Tecemos a ruína
Fingindo que
A espera
É uma salvação.

Amor

Amor,
Temerário sossego,
A despeito das
Vísceras
E do fel.

Mar

Espaço devassado
Por poetas e cantores
Antenome do real
E paradoxo em si conjugado.

Gosto de ti imenso,
Fundo e ambíguo.
Divisa entre o medo
E o convite.

Monet

Há sempre uma névoa ou um pano fino
A sabotar a transparência dessa manhã.
E meu olhar embaciado
Advinha contornos, formas, cores.

Naquilo que não distingue, imagina.
E nesse jogo contemplativo
É quase uma clarividência
Ultrapassar o mundo exterior.

Anatomia do Silêncio

A poeira harmoniza-se à paisagem doméstica
E sobre o pó do tempo
Paira a palavra ainda por dizer.

Suspensa no ar, a nuvem invisível do verso espera,
Enquanto em algum lugar
Uma taça se quebra em sacrifício
A tudo que não se pôde exprimir.

Casa

Nunca moramos sozinhos:
Nos cantos e nas frestas
De qualquer casa
Há uma vastidão ocultas de insetos
A povoar, mais do que nós, o espaço.
Desejando, secretamente,
Por nossa ausência e derrocada.

Descaminho

Talvez nunca nos encontremos.
Somente se eu, ou você,
Trafegasse na contramão.



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Leite



Jonas Leite é professor e poeta, paraibano de Cuité, estudou Letras e Direito em Campina Grande, onde também cursou mestrado e doutorado em Literatura. Hoje ensina nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Publicou três livros de poemas: 'Itinerário do Tempo' (Pedro & João Editores, 2021), livro que ganhou o 5º Prêmio de Literatura da Prefeitura Municipal de Campina Grande; 'A Geografia das Coisas' (Patuá, , 2022) e 'Livro de Urgências' (Urutau, 2023).



Uma vinda sem Ida, uma Ida bem-vinda

Roniere Leite Soares

Especial para o *Correio das Artes*

O Sr. Wilhelm Steinmüller partiu de Viena, capital austríaca, sem sua consorte, em meados de agosto do ano 1953. O visionário comerciante aportara em Recife à procura de ares tropicais do Brasil. Em seguida, a Sra. Margarete Straznicky Steinmüller chegou nos dias de novembro do mesmo ano, em companhia dos três filhos, Renate, Helga e Victor, todos nascidos na Casa dos Habsburgo. O referido casal migrou para Campina Grande e ali fincou bandeira da Áustria no dia 14 de maio de 1954, em busca de um clima ameno que servisse à família como refrigerio antialérgico.

Enquanto isso, Maria Ida Steinmüller estava sendo gestada e nutrida no ventre materno. Assim foi escolhida a Colina da Borborema como berço natalício desta criança, que haveria de chorar pela primeira vez na então Maternidade Municipal Elpídio de Almeida, aos 19 dias do mês de novembro de 1954. Depois da quarta descendente nasceram mais cinco. Assim, dos nove irmãos sobreviveram oito. Destes, ainda estão vivos sete filhos dos cônjuges Wilhelm e Margarete. O patriarca faleceu em 1966 e a matriarca nos deixou em 2019, ocasião em que já se contavam 31 netos, vários bisnetos e trinetos.

Ida Steinmüller foi a "primogênita brasileira" que nasceu no dia da Bandeira Nacional. Com um ano depois, em 19 de novembro de 1955, nasceu o quinto filho Oto. Esse fato foi subentendido pelos membros da família como um sinal incisivo de Deus, indicando-lhes que



FOTO: ARQUIVO PESSOAL / IDA STEINMÜLLER

Primogênita brasileira: Ida Steinmüller acaba de estrear na literatura infantil com o livro 'O Jacaré do Açude Velho'

Foi com 'História de Campina Grande: De Aldeia a Metrópole' que os autores Ida Steinmüller e Vanderley de Brito resgataram o fio histórico da Rainha da Borborema

a bandeira fincada deveria ser trocada pelo pavilhão do Brasil. E assim o pano alvirrubro foi substituído pelo pendão predominantemente verde, hasteado, contemplado e não mais arriado. Nesse contexto, Campina Grande seria a definitiva "Canaã de leais forasteiros", conforme consta na letra do hino municipal, poetizado por Fernando Silveira.

Descendentes da pequena Áustria (Österreich ou Ostarrîchi), nome de origem germana cujo significado consiste em 'Reino Oriental', os Steinmüller se tornaram submetidos ao reinado consuetudinário da Rainha da Borborema, como súditos fiéis. Empreendedores, todos conseguiram emergir nos mais diversos ramos das atividades profes-

sionais. Particularmente no campo da memória, a coroa foi coincidentemente posta na cabeça pensante de Ida Steinmüller. Sorte teve Campina Grande em herdar o DNA esmerilhado de uma família que carrega consigo, possivelmente, partículas do sangue de compatriotas austríacos como Sigmund Freud, Amadeus Mozart, Ludwig Boltzmann e Franz Kafka. Ou ainda da poetisa Elfriede Jelinek (Prêmio Nobel de Literatura em 2004), que tem uma aparência facial que nos remete ao semblante de Ida por causa das aproximações expressivas, seja em linhas, tons cutâneos, olhar ou morfologia.

Sendo a primeira descendente brasileira, Ida foi alfabetizada por conta própria aos 6 anos de idade, mas foi matriculada no Colégio das Damas, onde permaneceu até o 3º ano ginásial (1969). Em 1970 terminou o ginásio na Escola Estadual da Prata. Em seguida, cursou a escola técnica comercial da Furne por três anos (1971-1973). Com o sucesso obtido no vestibular de 1974, ingressou no curso de Administração na URNE, atual UEPB, finalizando-o em 1982. Concomitantemente aos estudos secundários e à graduação, Ida conciliou o trabalho que se iniciara no dia 1 de fevereiro de 1971. Exerceu as funções de telefonista e recepcionista na empresa CANDE, do seu esposo Humberto de Almeida, com o qual teve dois filhos: Cristiane (1986) e Frederico (1991). Seu sogro foi o médico, escritor, político, sanitarista e historiador Elpídio de Almeida.

Em 14 de janeiro de 1978, Ida fundou e presidiu a Associação de Secretárias da Paraíba (ASP). Em setembro do mesmo ano, no 1º Congresso Nacional de Secretárias Executivas, realizado no Rio de Janeiro, foi eleita a primeira vice-presidente dessa entidade. Colaborou com a formação de núcleos regionais que foram semeados no Brasil afora, contribuindo assim pela promoção dos direitos trabalhistas na atividade secretarial.

Aposentada no ano de 1997, em seu primeiro e único emprego, exercido apenas na área da indústria, Ida Steinmüller enveredou depois para o agronegócio, especializando-se no curso de Agro-Business da UFPB (então *Campus II*) – pós-graduação *Lato Sensu* oferecida em Campina Grande. Tornou-se polivalente no vasto assunto da pecuária, criando bovinos, caprinos, ovinos e equinos. Paralelamente, desenvolveu habilidades notáveis no secretariado de alto nível, capacitação em biblioteca, arquivo e



IMAGEM: REPRODUÇÃO

Voltado às crianças, obra narra as aventuras de um jacaré-de-papo-amarelo, um mito na cidade de Campina Grande, similar ao monstro do Lago Ness

fundamentos de museologia.

Depois de muitas experiências acumuladas, já como diretora da Facma (Fundação Artístico-Cultural Manoel Bandeira), em 2011, ao participar do V Colóquio dos Institutos Históricos Brasileiros, evento de âmbito nacional realizado na Cidade Maravilhosa, Ida Steinmüller foi estimulada por Arno Wehling, então presidente do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), a retomar as atividades do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG), algo que se tornou uma rotina oficial desde o dia 19 de outubro de 2011. Em seguida, interpelados os agentes, realizou-se uma reunião no dia 10 de fevereiro de 2012, na residência do casal Ida Steinmüller e Humberto de Almeida, sito no bairro campinense do Jardim Tavares, onde se deu o início da 4ª refundação. Sob os auspícios de Ida, os nove refundadores ressuscitaram o IHCG, que havia sido extinto há 12 anos.

No dia 26 de março de 2012 houve uma sessão pública no prédio da Fiep, com a presença honrosa da historiadora Ester Bertoletti. Logo depois, no dia 19 de abril, uma outra reunião com 22 associados aprovou o estatuto, onde foram aclamados os nomes de Ida Steinmüller, Juciene Ricarte e Humberto de Almeida como, respectivamente, presidente, vice-presidente e presidente de honra. Com a criação do CNPJ na Receita Federal, o IHCG renasceu como entidade civil. Em seguida, a 'Casa de Memória Elpídio de Almeida' foi apresentada

e divulgada por sua guardiã-mor nos mais diversos setores e eventos sociais: inaugurações, exposições, lançamentos de livros, sites, blogs, canais televisivos, meios radiofônicos e demais mídias computacionais. Por causa da liderança de Ida nesse processo, reconhecimentos lhe foram outorgados: recebeu o diploma de mérito cultural da Fundação Casa de José Américo; e foi eleita como sócio honorária do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano.

Em 2013 Ida ficou viúva. Passou a se dedicar de corpo e alma ao projeto iagacegeriano. No mesmo ano viajou a Portugal para conhecer o Arquivo Ultramarino, o Acervo da Torre do Tombo e a Sociedade de Geografia de Lisboa. Conhecimentos importantes lhe foram acrescentados. Ao retornar a Campina Grande, firmou parceria com o 31º Batalhão de Infantaria Motorizado Peribebeu. Também tomou posse no Conselho Estadual de Cultura, além de receber uma moção de aplausos da Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba. Em 2014, adstrita à Sra. Juciene Ricarte, organizou e desenvolveu o projeto 'Fascículos: Campina Grande 150 Anos à Frente'. No ano de 2014, em mais um reconhecimento interestadual, Ida Steinmüller recebeu um troféu da

Associação de Letras Femininas do Nordeste (Alane, PB).

Sob a condução da presidente, os anos seguintes se sequenciaram com benéficas relações institucionais, fazendo parcerias com vários órgãos públicos e privados e fortalecendo o IHCG como o maior empreendimento intelectual da vida da historiadora, ensaísta, memorialista, administradora, arquivista e literata Ida Steinmüller. Dentre as inúmeras ascensões do IHCG, destacou-se o reconhecimento do mesmo como de utilidade pública, sob lei municipal Nº 6.455, de 17/06/2016. Em 2018 houve eleições no IHCG. A presidência foi transferida para o professor Vanderley de Brito, exímio cartunista, pintor, escultor, cordelista, violonista, poeta e arqueólogo de primeira estirpe. A vice-presidência foi repassada ao médico urologista, André Brasileiro e a escritora Ida Steinmüller ficou como presidente de honra. Esse ajuste na gestão também trouxe sensíveis contribuições à historiografia campinense.

Mas foi com a obra *História de Campina Grande: De Aldeia a Metrópole* (190 páginas, 21 x 28 cm), lançada na Casa Félix Araújo no dia 7 de outubro de 2021, que os autores Ida Steinmüller e Vanderley de Brito resgataram com lucidez o verdadeiro fio histórico da Cidade Rainha da Borborema. Escrito numa linguagem simples, sintética e rigidamente cronológica, a obra tem uma excelente construção textual que deve ser aplicada como recurso pedagógico no ensino básico das escolas municipais. Em virtude do sucesso editorial, agraciados com o projeto de lei proposto pelo vereador Rubens Nascimento, os autores foram homenageados com a entrega da Medalha de Honra ao Mérito na Câmara de Vereadores de Campina Grande no dia 07 de outubro de 2021, onde ambos foram felicitados por amigos, imprensa, admiradores e familiares.

No início de 2022, começou a circular o jornal impresso do IHCG, de periodicidade trimestral, mais um projeto da dupla Ida Steinmüller e Vanderley de Brito. Esse é um recurso que tem revolucionado a forma de pensar a história local na cidade de Campina Grande. Mantido com recursos próprios do instituto, o citado veículo de comunicação tem sido aplaudido por diferentes gerações, desde as crianças até os idosos, sempre muito lido e aguardado por todos os campinenses. Nesse tabloide são abordados assuntos e notícias do

quotidiano, contribui-se com o estímulo à leitura, desmitifica-se as erratas da história local, faz-se denúncias sociais, resgata-se personalidades culturais e se democratiza a participação de colonistas que ali publicam seus escritos.

A obra mais recente da dupla é encantadora. No dia 25 de novembro de 2023, no espaço de leituras da Livraria Cultura, no centro de Campina Grande, foi lançado o livro *O Jacaré do Açude Velho* (Centro Editorial do IHCG, 22 páginas, formato 23 x 23 cm), ilustrado pelo artista Vanderley de Brito e dedicado às crianças. Sob a revisão pedagógica das professoras Márcia Maria Barros Costa e Elisângela Santos Oliveira Silva, o livro consiste na primeira incursão da escritora Ida Steinmüller no universo da literatura infantil.

As coloridas e vibrantes páginas narram as aventuras de um jacaré-do-papo-amarelo que se tornou um mito a encantar o perfil urbano de Campina Grande, realimentando o imaginário dos munícipes. A história é similar à estória do monstro do Lago Ness, que até hoje insiste em renovar a tal lenda escocesa. Isso ocorre porque o dito jacaré aparece e reaparece, de tempos em tempos, e de tão emblemático que é para a cidade, em 2010, foi criado um grupo carnavalesco denominado 'Bloco do Jacaré', no qual os foliões exaltam, anualmente, a representatividade desse animal. Semelhante ao bloco das Muriçocas do Miramar, que ocorre há anos em João Pessoa, nos desfiles ao ritmo de frevos e marchinhas, uma versão gigante do 'Jacaré do Açude Velho' é posta à frente dos alegres entusiastas que o seguem na volta pela orla do Açude Velho.

Porém, a aventura real do jacaré, contada de forma lúdica no livro de Ida, iniciou-se em 1980, a partir de uma caçada feita no estado do Piauí por três campinenses: Maurício Cabral, Alexandre Brito de Lira e Machado Bittencourt. Nesta viagem, foram capturados três filhotes do réptil crocodiliano (caiman latirostris) no lago Ibiracuruca e trazidos despretensiosamente num veículo

Opala para Campina Grande. Passados alguns dias numa caixa d'água Brasilit (de amianto), Maurício decidiu soltá-los no Açude Velho, com a intenção de dar-lhes a liberdade que teriam em seu habitat. Ao passar dos anos, os mesmos cresceram e se reproduziram, de modo que um ou outro renova, amiúde, as aparições públicas.

Esse vai-e-vem do réptil, surgindo e ressurgindo, fez dele uma unanimidade entre os que fazem a cultura coletiva da cidade. Numa dessas reaparições, um dos jacarés foi ferido no olho por populares que o repeliram com pedradas, embora nunca houvesse registro de ataques a humanos na cidade. O corpo de bombeiros foi acionado e, por causa da condição de saúde do convalescente, resolveu-se doá-lo ao Museu Vivo dos Répteis da Caatinga, o qual funciona sem a ajuda dos órgãos públicos no distrito municipal de São José da Mata, em Campina Grande, onde lá permanece até hoje. O local tem licença do Ibama e se mantém em virtude da iniciativa do seu proprietário, Silvaney de Medeiros Sousa. Lá, entre cobras, camaleões, teiú-açus, cágados e lagartixas, é possível conhecer o famoso e dócil "Jacaré do Açude Velho".

O livro infantil escrito por Ida Steinmüller não só alimenta o universo educacional das crianças, mas resume toda a história por trás do mito. Além de guardar para gerações posteriores a passagem finita dos jacarés, num ato caridoso, destina parte da arrecadação obtida pela venda dos livros à causa particular do Museu dos Répteis da Caatinga. Essa atitude nobre agiganta a obra em seu aspecto e função sociais.

A obra infantil *O Jacaré do Açude Velho* é a história de um aligátor migrante piauiense escrito por uma filha de imigrantes austríacos. Uma mulher criativa, inteligente e versátil que se dedica à memória da cidade que a viu nascer. Uma Ida bem-vinda.

Roniere Leite Soares é bacharel em Design de Produto (UFPB, 1995), licenciado em Letras (UEPB, 2003), formado em Música (Rede Claretiano, Batatais-SP, 2021), integrante permanente do Conselho Cristino Pimentel (Borborema Cangaço, 2023) e sócio efetivo do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG). Atua como professor efetivo de Desenho na UFCG desde 2012.

Água de morro abaixo e fogo de morro acima

Luiz Augusto de Paiva

Especial para o *Correio das Artes*

*Quem puder cantar que cante
Quem souber tocar que toque
Flauta, trombone ou clarim
Quem puder gritar, que grite
Quem tiver apito, apite
Faça esse mundo acordar
Para que onde ela esteja
Saiba que alguém rasteja
Pedindo pra ela voltar... Lupicínio Rodrigues*

Sou das antigas. Sempre fui. Casamento é para toda vida e aquela história de tanto riqueza como na pobreza, na saúde como na doença, até que a morte nos separe, para mim é para valer mesmo. Para seguir como razão da própria vida. Pensar diferente faz o mundo virar bagunça, uma Sodoma e Gomorra. Não pode. Antonieta não respeitou esses preceitos de Deus e deu no pé, pegou o beco, como dizem por aí. Nem uma explicação, nadinha. O que foi que passou pela cabeça dela? É o que eu tento entender.

Estou aqui pedindo socorro. Não me envergonho por isso. Quero que alguém me ajude a entender o que teria passado pela cabeça dela e o que a levou a essa atitude tão inesperada. Mais ainda, se alguém souber, de uma pista que seja, entra em contato comigo. Estou com raiva dela, mas também com pena. Será que a pobre está bem? Saiu sem dinheiro. Levou uma mala só, a menor que tínhamos e deixou a maioria de suas roupas. Só levou mesmo o essencial. Até aquele estojo de pinturas e outras vaidades ficou.

Triste mesmo é ver Dorinha e Pedro Henrique chorando. Chamam pela mãe o dia todo. Dá pena de ver. São lindos nossos gêmeos, cinco aninhos. Não nasceram da mesma placenta e Dorinha saiu à cara mãe. Linda que só. Em Pedro Henrique, já dá para notar que até no jeito de andar parece comigo. Não merecem passar por isso. Desde que Antonieta desapareceu, os dois só conseguem dormir na minha cama.

Se não fosse o depoimento de um chofer de táxi, poderiam

até pensar que fui eu quem deu um chá de sumiço em Antonieta. No dia seguinte que ela desapareceu, fui à polícia comunicar o fato. Saiu retrato dela no jornal da cidade e no noticiário local da TV. O motorista deve ter visto a fotografia dela num desses informativos e foi à delegacia espontaneamente. Confirmou que a deixou na estação rodoviária por volta das três da tarde, quando eu estava no trabalho e as crianças na escola.

Naquele fim de tarde, como era de costume fazer, busquei Dorinha e Pedro Henrique no colégio. Quando chegamos em casa, não a encontramos mais. O tempo foi passando e nada dela. Liguei para quem podia. Nada. Dei banho nas crianças, troquei suas roupas, dei a comida e, como já mencionei, a partir daí, só iam dormir se fosse comigo. Desde esse dia está sendo assim e hoje completam 25 dias. Mal durmo minhas noites. Sono entrecortado e um pensamento que não me sai da cabeça: o que terá sido? O que terá sido? Sempre procurei ser um marido exemplar. Ganho o suficiente para termos uma vida decente. Carro na garagem, plano de saúde. Duas vezes por mês, religiosamente, vamos a um restaurante com as crianças. Domingo de verão, na piscina do condomínio. Desde que casamos nunca perdemos uma missa das 18h lá Igreja Nossa Senhora Divina Pastora. Difícil a missa que não confesso e comungo.

Claro que temos pequenas diferenças, mas creio que são irrelevantes. Leio pouco. O último livro que li foi *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas*. Achei muito interessante. Já Antonieta, devora livros. Não sei o porquê. Creio que deva ter sido influência do curso de Letras. Formou-se, mas nunca lecionou. Também temos algumas discordâncias nos momentos de entretenimento. Domingos à tarde ela gosta de ver aqueles filmes-cabeças. Não entendo nada daquilo. A gente discute um pouco nessas horas porque gosto daqueles programas tradicionais de domingo à tarde e não perco meu futebol. Nunca fui de muita fuzarca, enquanto ela adora dançar. Quantas vezes eu a surpreendi no quar-



to com o som nas alturas e chacoalhando o esqueleto como uma cabrita maluca. Fora essas pequenas coisas, nada que mereça registro.

Mas para que entendam melhor e tomem pé dessa situação, é bom contar desde o comecinho, desde os tempos de namoro. Conheci Antonieta no colegial. Estudávamos na mesma sala. Sem jactâncias, porque não sou mesmo dessas coisas, eu era o sujeito mais bonito da sala e segundo aquela que se tornaria minha esposa, o mais bonito de toda a escola. Tenho quase um metro e noventa de altura, sempre fiz meus exercícios, pratiquei judô desde menininho. Ainda hoje, vez ou outra, visito um tatame para não perder o jeito. Sempre fui assediado, mas gostei mesmo foi de Antonieta pelo seu jeito alegre, aquela voz de contralto e daquele sorriso. Ela notou que eu comecei muito discretamente arrastar as asinhas para os lados dela, então a danadinha chegou junto. Acho que vou namorar você, meu tigre, disse ela nos meus ouvidos, fazendo uma alusão aos meus olhos verdes. Aquilo me arrepiou; então eu disse: pode ser. Ela sorriu e não perdeu tempo: pode não, vai ser e que tal começarmos agora? Foi assim que começamos a namorar.

Nessas coisas (você sabem o que estou dizendo), a iniciativa foi sempre dela. Sou meio tímido, confesso. Tímido e respeitoso. Quando começamos a namorar, tínhamos completado 16 anos. Antonieta foi minha única namorada desde então. Algumas vezes rompemos e nos distanciamos por algum tempo. Mesmo nessas lacunas, não tive outros relacionamentos. Antonieta, não. Namorou o Ciço, o Duardinho e o Zé Carlos. Depois ela me disse que nada disso (esses namoricos) foram coisas sérias. Eram só para me fazer ciúmes. E como fizeram.

Nosso primeiro beijo, a iniciativa foi dela. Estava preparado para o ritual que minha mãe havia me ensinado. Primeira semana de namoro só pegar na mão, nada de abraços e beijos. Depois pode por a mão nos ombros e beijar o rosto. Na boca só depois de três semanas e se deve beijar um sentado ao lado do outro. Nada os dois em pé, se agarrando, porque nessas horas o capeta fica no meio e aí é um Deus que me acuda. Minha mãe que dizia essas coisas. No segundo dia de namoro, quando saímos da escola, lá na Praça Afonso Pena, me pediu para sentarmos naquele banco perto do laguinho cheio de carpas. Fui. Mal nos

sentamos e ela me tascou um beijo na boca. Não sabia (juro mesmo!) que se usava a língua para beijar. Antonieta é que me ensinou. É assim que se beija meu tigre, disse ela e enfiou a língua dentro de mim. Gostei. E praticamos bastante naquele fim de tarde.

Todo dia depois das aulas íamos para a pracinha e ficávamos ali com o testemunho colorido das carpas e naquele trato mimoso que comecei a apreciar. Um dia, Antonieta me perguntou o que eu sentia quando a beijava. Eu disse que sentia que gostava dela. Ela me pareceu meio desanimada e ainda perguntou: só isso? Será que ela não perceberia que eu estava gostando dela? Fiquei até pensando que um dia meu pai disse que é mais fácil entender um teorema do que a alma de uma mulher. Acho que ele tinha mesmo razão. Não entendi a cara de decepção que ela mostrou quando me perguntou se era só aquilo que eu sentia. Mas não desistimos da pracinha.

Sábado de manhã, em tempos de estio, íamos para a piscina da Associação e ficávamos até a hora do almoço. Um dia ela me reclamou que a mãe dela não deixava usar biquíni. Não disse nada, mas achei muito certo os ordenamentos de Dona Claudete. Não gostava de ver Antonieta se exibindo. Por falar em Dona Claudete, ela fazia muito gosto que eu namorasse a filha dela, dizia que eu era estudioso e ia acabar entrando no ITA. O pai dela, Seu Adhemar, nunca disse nada, mas parecia concordar com a esposa.

Domingo íamos à sessão das sete no Cine Palácio. Dez da noite estávamos na casa dela. Dona Claudete acendia a luz da varanda, deixava a porta da sala entreaberta e como um general já baixava a ordem do dia: dez e meia pra dentro, viu mocinha?

Na varanda ficávamos sentados um ao lado do outro, de mãos dadas, conversando e sem os assanhamentos de Antonieta, porque sem mais, nem menos Dona Claudete aparecia: trouxe Ovomaltine para vocês. Uma vez me pediu para entrar e ver a Enciclopédia Barsa que Seu Adhemar havia comprado. Estavam ali, aqueles tomos de encadernação vermelha sendo exibidos com pompa e circunstância na estante da sala. Não é uma boniteza? Perguntou-me Dona Claudete. Eu, claro, disse que era. Quando quiser fazer uma consulta para trabalho da escola, não faça cerimônia, viu? Acenei com a cabeça concordando. E depois a matriarca já foi dizendo: va-

mos todos nos recolher porque amanhã é dia de batente. Era assim.

Quando já tínhamos um pouco mais de um ano de namoro, peguei o dinheiro que passei meses juntando e na Relojoaria Universal, comprei um anelzinho de compromisso. Todo em ouro branco. Na livraria Excelsior, ali pertinho, comprei um cartão com um desenho de um casal se beijando. Ali arrisquei uns versinhos.

*Antonieta, minha paixão,
Linda, linda como ninguém.
Já me roubou o coração.
Pode roubar o resto também*

A métrica não ficou lá essas coisas, a rima, pobre; mas foi o melhor que pude arrancar de mim naquela hora. Acho até que ficou elegante, coisa da minha melhor inspiração. Mais que isso, não consigo. Deixei para entregar num domingo, quando depois do cinema chegamos a casa dela. No portão, antes de entrarmos eu disse: tenho uma coisa para lhe dar. Quando mostrei a caixinha revestida de camurça azul, Antonieta pareceu não acreditar. Ela abriu e duas lágrimas solitárias correram dos seus olhos. Então, entreguei o cartão. Depois que ela leu abriu um lindo sorriso e disse que tinha o maior orgulho de mim e me juntou firme para um beijo que nunca mais vou esquecer. Aí me perguntou: então eu roubei seu coração? Eu respondi: claro que sim. O que veio depois fico meio sem jeito de contar, mas tenho que dizer. Ela me olhou e perguntou: então posso roubar o resto de você? E continuou: antes que minha mãe acenda a luz da varanda vou roubar mais um pedaço. Colocou a boca bem perto de minha orelha e enfiou a língua no meu ouvido. Fiquei todo arrepiado. Ela sentiu meu arrepio e perguntou se eu estava gostando. Antes que eu respondesse, ela disse: agora vou roubar isso. Vou dizer sem rodeios o que essa menina fez: ela puxou o zíper da minha calça, enfiou a mão e segurou, já sabem o quê. Não quis ser deselegante ou grosseiro, mas achei de bom alvitre dizer isso sem rodeios ou metáforas para que entendam as ousadias de Antonieta.

Essa audácia durou alguns segundos porque Dona Claudete acendeu a luz do alpendre. Rapidinho recompomos as aparências e ao entrarmos já foi chamando pelos pais para mostrar o regalo que recebera.

Quando nos sentamos na varanda ela perguntou se eu havia gostado daquele atrevimento. Disse que sim, mas que não era certo. Se Dona Claudete

visse? O que ia pensar de mim? Ia perder toda confiança. Antonieta riu das minhas apreensões e disse que eu tinha autorizado ela roubar outras partes de mim e ela escolheu.

Naquela noite quando cheguei em casa, meus pais estavam na sala assistindo Kojak na televisão. Não sei porque adoravam aquele careca. Entrei e nem olhei para eles. Fui dizendo: bença pai, bença mãe, e parti direto para meu quarto. Minha mãe ainda perguntou se eu queria que ela esquentasse minha janta. Disse que não precisava, porque eu tinha comido alguma coisa na casa de Antonieta. Estava morrendo de fome e de vergonha. Mais de vergonha do que de fome. Naquela noite não jantei. Nem olhei para Dona Valdenora e Seu Nestor. Eles não mereciam um filho com aquele tipo de comportamento

Nem preciso dizer. Essas safadezas viciam a gente. Tentei evitar. Cheguei a confessar com padre João, ele me deu uma penitência e pediu para eu me conter e que não fizesse mais essas coisas. Como não fazer?

Nesses tempos ainda praticava judô, mas meu desempenho foi caindo. Aderbal, meu técnico, pediu para eu fazer exames de sangue porque achava que eu estava com anemia. Minha mãe observou minhas olheiras e toda noite começou a me fazer engolir uma colherada de Emulsão de Scott. Essa emulsão, segundo o rótulo, era feita de fígado de bacalhau e amarga que só o diabo para encarar.

Dá para entender o que se passava comigo. Comecei a frequentar a varanda de Antonieta todas as noites. Dia de semana até as nove; sábado e domingo, podia esticar um pouquinho. Antonieta já vinha com as indecências, sempre trazia um lencinho na bolsa para enxugar nossas ousadias. Quando a safadeza não acabava ali eu completava em casa. Estou me fazendo entender? Não há saúde para um basquete desses.

Quando estávamos começando o terceiro colegial, disse para Antonieta que só nos encontraríamos nos fins de semana porque eu queria me preparar para o vestibular do ITA. Só sábado e domingo? Perguntou Antonieta. Eu disse que não, reiterarei que seriam só aos domingos. Então ela, muito autoritária, disse que eu não precisava vir dia nenhum e que nosso namoro acabava ali. Tentei argumentar, mas não teve jeito. Ela pediu para não insistir e entrou batendo a porta. Não insisti, mas confesso

que fiquei mal. Nos primeiros dias não dormia sem antes chorar. Mas isso foi diminuindo. Estava focado no vestibular e resolvi voltar minha atenção para os estudos. Uma semana depois mandou nossa colega de sala, Suely, como portadora, devolver o anel de compromisso. Nem quis falar comigo e mandou uma portadora. Sofri? Claro que sofri, mas fui superando. E tentei me dedicar com afinco aos meus propósitos. Não deu certo. E por quê?

Nem passou um mês e ela começou namorar o Ciço. Esse sujeito era bem mais velho que nós e jogava vôlei na Associação, e segundo eu soube estava terminando Direito. Ela ficava no maior agarramento com ele quando o sujeito vinha buscá-la na saída do colégio. Comecei a faltar nas aulas do cursinho à tarde, alguns dias no colégio de manhã e em julho meu projeto de ser engenheiro foi por água abaixo. Minha mãe dizia que eu era fogo de palha e que não aguentei o puxadão de ter de estudar praticamente em tempo integral. Mas não foi isso. Foi Antonieta que me deixou assim. Só de pensar que aquelas coisas que fazia comigo estivesse fazendo com Ciço me deixava fora de controle. Nem dormir eu dormia direito.

Para quem queria ser aluno do ITA, dizer que acabei fazendo Ciências Contábeis numa faculdade particular é o fim da picada, ou não é? Mas foi o que encarei. É com o que trabalho hoje. Dá para viver dignamente, mas muito longe dos meus sonhos que abandonei quando deixei de frequentar as aulas do cursinho depois das férias de julho.

Voltando ao meu assunto com Antonieta, enquanto eu fui para as Ciências das Contabilidades, Antonieta começou seu curso de Letras em Taubaté, ia e voltava todos os dias e a essa altura já estava de embeijamento com Duardinho. Foi quando, por uns tempos, perdi o contato com ela e as notícias chegavam pelos mexeriqueiros de ambos os sexos, sempre de prontidão para a prática do leva e traz, no caso, acho que muito mais "traz" do que "leva".

Uma bela noite estava eu fazendo minha oração antes de me recolher quando minha mãe me chamou para atender um telefonema e já foi dizendo que quem estava do outro lado da linha era "aquela uma". Já entendi que devia ser Antonieta. O que ela estaria querendo comigo?

Então, "aquela uma" foi perguntando como é que eu estava e foi dando

um jeito de esticar a conversa. Até que perguntou se eu não gostaria de me encontrar com ela. Eu disse que poderia, era só marcar local e hora. Então ela sugeriu ser no “nosso banquinho” lá em frente ao laguinho das carpas. Três da tarde, estipulou ela. Fui.

Chegamos juntos. Como Antonieta estava bonita! Tá com raiva de mim, meu tigre? Foi a primeira coisa que perguntou, antes mesmo do “como vai você”? Trocamos algumas palavras, como eu ia indo na faculdade, ela também e outros papos de encher linguiça. Até que ela resolveu me perguntar se eu estava com alguém. Como, com alguém? Eu quis saber. Então ela insistiu: namorando alguma menina, meu tigre. Está namorando alguém? Eu disse que não e já fui perguntando: e você, Antonieta? Ainda está com o Duardinho? Foi quando ela me respondeu: não, terminamos faz mais de um mês.

Fiquei olhando um tempão para ela. Nem sei quantos minutos. Foi quando ela me disse que nunca tinha me esquecido. Então, eu pensei: esquecer é uma coisa, gostar é outra. Ainda disse que ela tinha sido egoísta, não entendera que aquela minha imposição ia durar um ano só. Disse mais: o fim do namoro atrapalhou minha vida. Fez com que eu perdesse a vontade de estudar.

Nessa hora Antonieta me olhou nos olhos e foi usando aquela voz macia de dar arrepios. Desculpe-me, meu tigre. Nunca quis o seu mal. Não foi só a sua dedicação aos estudos que me desanimou. Teve outras coisas. Que coisas? Eu quis saber. Bem, meu querido você era meio assim...Assim, como? Ela não tirou os olhos dos meus e começou com suas alegações.

Você era muito desanimado no quesito carinho. Sempre com medo de alguém chegar. No melhor da festa, às vezes, interrompia tudo e eu me sentia vendo navios. Confesso que ficava daquele jeito, morta de vontade e você, nada! Como é que você acha que eu ficava? Você é um sujeito bonito. Todo mundo acha, mas achar que é pecado fazer certas coisas antes de casar é o fim do mundo, meu querido. Entendo que você é religioso, sua família é também. Mas o mundo está mudando. Só você não quer ver.

Fiquei mudo por uns instantes. Vocês que estão vendo esses rabiscos já perceberam que eu era louco por Antonieta. Mas não quis me aproveitar dela. Lembrei das palavras de Dona

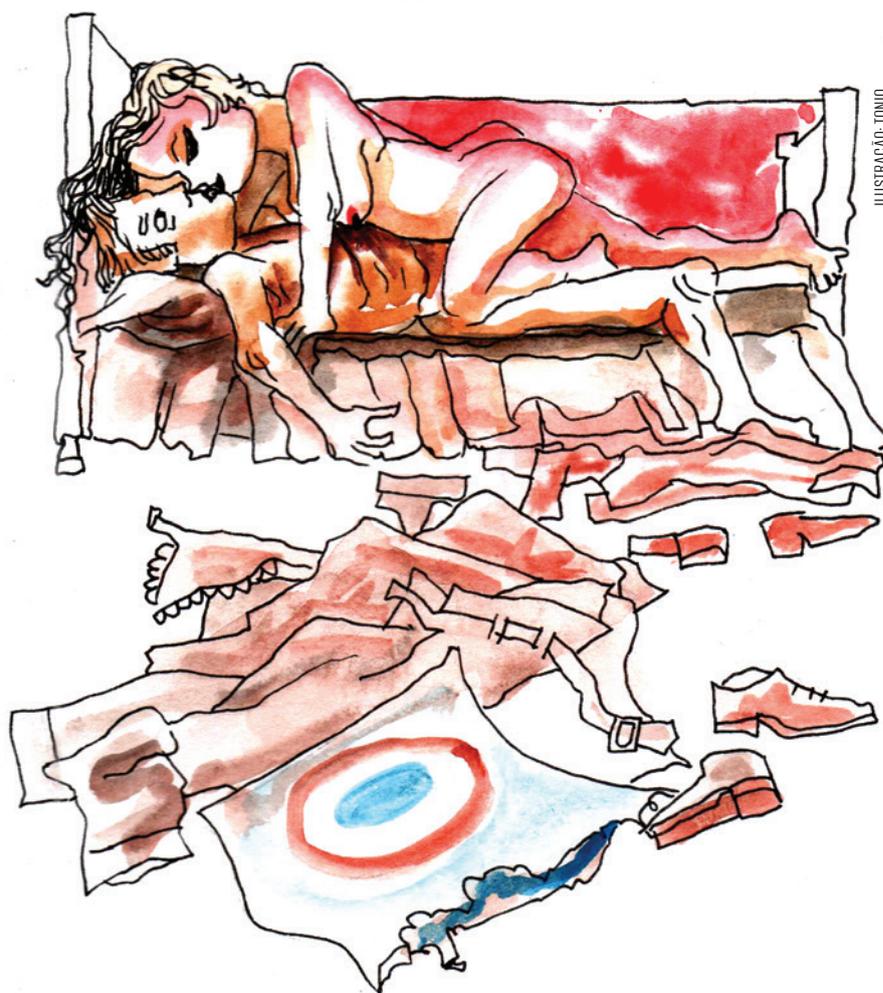


ILUSTRAÇÃO: TONIO

Valdenora, que se ela soubesse que eu tinha me aproveitado de alguma moça eu podia esquecer que tinha mãe. Nunca mais olharia para minha cara.

Olhei bem para Antonieta e disse: eu só não queria me aproveitar de você, não é certo e você sabe disso. Antonieta riu e continuou: era o que faltou. Você devia ter se aproveitado mais. Eu queria mais aproveitação de sua parte. Nessa hora começou a me bater umas vontades e minha anatomia foi se alvoroçando. Antonieta percebeu. A danada me olhou bem firme e, muito sem rodeios, me tascou um beijo, segurou nas minhas partes e foi dizendo: quero aproveitar mais “isso”.

Voltamos a namorar e as saliências voltaram ao portão de Antonieta.

Um belo dia, Dona Claudete foi acometida de apendicite. Assim sem mais nem menos, em plena tarde, senti aquele nó que dói o insuportável e baixou hospital. Seu Adhemar foi junto e naquela mesma tarde Dona Claudete deitou na mesa de cirurgia. Quando cheguei à noite, Antonieta veio com a notícia: mãe foi operada, mas passa bem. Meu pai está com ela. Vai passar a noite lá. Então, já se dá para prever que naquela noite as indecências foram além

do de costume. Depois de alguns beijos e de iniciar as saliências costumeiras, Antonieta me mostrou um pequeno envelope, quadrado, azul e foi perguntando se eu sabia do que se tratava. Eu disse que sabia e ela já foi abrindo e dizendo que eu ia ter que usar. Sempre ficava com Antonieta naqueles agarramentos, mas nem pensava em ir para os finais. Dona Claudete tinha a maior confiança em mim, seu Adhemar também, minha mãe nem se fala e meu pai não dava palpites nessas coisas. Você enlouqueceu, Antonieta? Eu quis argumentar, mas já sem muita convicção. Então ela chegou bem junto, com aquele olhar de “hoje-você-não-escapa”, já foi abrindo meu zíper e dizendo: vamos encapar o “isso”. Ia me esquecendo de dizer que desde aquela tarde no jardim em que ela segurou nas minhas partes, começou a chamar esse apêndice de minha anatomia de “isso”. Eu até estranhava aquela intimidade toda, mas confesso que apreciava essa desenvoltura de Antonieta. Dá “isso” aqui. Deixa eu ver como “isso” está hoje e por aí ia com suas diabruras no linguajar e no proceder.

Mas, voltando à situação, Antonieta se encarregou dos procedimentos. Estranhei o desempenho. Num instantinho

o “isso” estava embalado e protegido. Nem preciso dizer o que aconteceu depois e nem como aconteceu. Fico até meio constrangido em relatar. Só sei que estranhei um pouco os gemidos de Antonieta. Ficou muito claro para mim que não eram manifestações de dor, muito pelo contrário, parecia uma loba, a danada. Tudo naquele sofá da sala onde quando me convidava para entrar, Dona Claudete me recebia de forma muito cortês. Bem ali e que Deus me perdoasse. Foi quando perguntei a Antonieta, se ela sentira dor. Primeira vez não dói? Ainda perguntei. As bocas quase coladas, os rostos suados e minha namorada fez aquela revelação estarrecidora: esta não foi a primeira vez, meu amor. Sempre quis que fosse com você. Mas cadê de você se resolver? Eu não ia esperar até me casar. De jeito nenhum.

Aquela revelação veio como uma tromba d’água em minha cabeça. Eu não estava acreditando. Não consegui engolir a pergunta e de pronto quis saber: foi o Ciço? Foi o Duardinho? Antonieta com a maior calma do mundo: nem um, nem outro, e quando aconteceu eu não estava comprometida com você. Vai ficar com raiva por causa disso? É a coisa mais natural do mundo. Eu não achava aquilo natural e fiquei com raiva.

Ficamos mais dois anos sem nos falar e já no mês seguinte a esse rompimento ela já estava nos grudes com o Zé Carlos. O problema era que eu não conseguia esquecer Antonieta e nem saía de minha cabeça aquela minha primeira vez. E dela, que vez seria? A segunda? A quinta? A décima? Eu precisava parar de pensar naquelas coisas ou iria enlouquecer.

Depois disso, tive outras vezes, com mulheres que venderam seus afetos por algumas horas. Sentia-me deprimido depois. Não sabiam fazer as indecências com as habilidades de Antonieta. Longe disso.

Para não me alongar, depois de dois anos de Zé Carlos, reatamos. Antonieta continuava linda de morrer. Nós dois tínhamos acabado de nos formar. Eu logo vim para essa firma e arrumei essa colocação assim que me formei. Ficamos noivos depois de uns três meses que reatamos e só concordei porque Antonieta disse que eu era o homem da vida dela. Eu tinha certeza que ela era também a mulher da minha vida. As nossas safadezas recomeçaram. Não mais no portão da casa dela, mas no meu carro que acabara de comprar ou na cama desses

estabelecimentos que povoam as beiras das estradas atendendo ao chamado urgente de desejos e paixões. Um ano depois nos casamos.

Que loucura! Antonieta queria safadeza todas as noites. Dizer que eu não dava no couro era mentira, mas aquilo estava me esgotando. E na cama era um Deus nos acuda. Antonieta começou a querer inventar saliências com as quais eu não concordava. Deixa de preconceito, não tem nada demais, dizia ela. Tinha, sim. Sou homem com agá maiúsculo e ela que parasse com aqueles atrevimentos.

Certa vez, fazia um friozinho com as últimas chuvas de outono. Depois das novelas, coloquei meu pijama e fui para cama. Ela riu, disse que eu não tinha jeito mesmo. Tira essa porcaria e vamos por o “isso” para trabalhar, ordenou ela. Era assim. Um fogo que não apagava. Não suportava quando me via agradecer ao Senhor antes do almoço e do jantar e achava muito estranho eu rezar um terço completinho todas as manhãs. Não gostava de ir à missa comigo, mas ia muito contra a vontade.

Mesmo na gravidez não se aquietava. Tivemos nossas safadezas até três dias antes dela dar à luz aos nossos gêmeos. Um mês depois já me procurava. Claro que eu me exauria, mas devo confessar que Antonieta me fazia feliz. Só achava que ela não se tornara tão afetuosa com os filhos como era de se esperar. Eu troquei as fraldas, esquentei mamadeiras e na hora do choro era para meu colo que eles vinham. Enfim, admito que o que sobrava na mulher faltou um pouco na mãe. Mas como dizem por aí, ninguém é perfeito e Antonieta definitivamente não era. Uma má mãe? De jeito nenhum. Mas que deixava um pouco a desejar, isso desejava.

Faz um mês que me procurou dizendo que precisávamos colocar uma pimenta em nossa relação. Vamos fazer algo diferente, sair dessa rotina. O que você acha meu querido? Então, mantive

firme a minha posição: aquilo eu já disse que não faço. Aí, ela me tranquilizou: sei o que você não quer seu preconceituoso, mas estou falando de algo diferente. Do quê, mulher? Diga uma coisa, meu querido: depois de casado você nunca teve vontade de estar com outra mulher? Nada sério, só para sair da rotina.

Que estranho. Trair minha mulher? Nunca. Não é traír, meu amor. Trair é quando a outra parte não sabe. Nem ousei perguntar se algo parecido passava pela cabeça dela. Só que...

Alguns dias depois, ela deu no pé.

É isso é o que eu tinha para contar. Se fui grosseiro em algum momento, foi porque assim se fez necessário. Peço contrito que me perdoem alguma indecência nesses meus escritos.

Tirando essas idiosincrasias de que relatei de Antonieta, ela é uma boa mulher. Por isso aqui, de forma muito humilde, se alguém tiver notícias dela peço que me procurem e tragam a informação que tiverem. Não quero que a pobre passe necessidades. Dos mais próximos, não recusaria uma palavra amiga, até uma conversa consoladora, uma tentativa de explicação, pois o que está me torturando por todos os cantos de minha alma é essa dúvida devastadora: o que foi que passou pela cabeça dela?



Luiz Augusto Paiva tem livros publicados de contos e outros de crônicas. Atualmente é presidente da União Brasileira de Escritores – Seccional da Paraíba. Escreve semanalmente para o Jornal A União. Nascido em Campos do Jordão (SP), adotou a Paraíba por circunstâncias e paixão. Mora em João Pessoa (PB).



Rinaldo de Fernandes
rinaldofernandes@uol.com.br

 **/cantinho do conto**

Tortuosa ladeira

O assoalho trincado, a cortina esfrangalhada, o vaso acorçado no canto – e tudo lembrando a mofo. João veio à pequena cidade, e por pressão da cunhada, para se casar. Mas ninguém se casa com três botões. João chupa o sangue do indicador – picou-se com a agulha com que pregava o botão. A camisa só com três botões, comprou um para somar à boa aparência e para tapar a boca da cunhada. Sim, a cunhada ia uivar – ui, pobretão! O sangue estancado, bota o botão, afasta a camisa para medir o resultado – hum... João deita perfume na mão, esfrega no pescoço. Chega à janela, afasta a cortina.

Avalia-se na vidraça empoeirada – pronto! João aí se lembra que a igreja é longe e que há uma ladeira muito inclinada. E que a cunhada já o chamou de fedido. João cala um pouco mais de perfume no pescoço.

A cunhada vai debochar – que horror, esse cheiro! João pensa na ladeira, que, e suspirando já meio sem fôlego, faz uma curva. Uma curva até o coração podre da cunhada, que agora gargalha do seu suor. João olha para a cama, o colchão com borrifos, encardido. E uma mancha azulada no travesseiro. O quarto é abafado.

João, com o dedo, apanha o suor da testa – e volta a pensar na cunhada. Se sente o último dos noivos. E, desistindo de enfrentar tão tortuosa ladeira, se deita atracando-se com o travesseiro.



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Rinaldo de Fernandes, é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

**OS
GRANDES
DO NOSSO
MUNDO** 

Ipojuca Pontes

Quem são

Os grandes

do nosso tempo?

Na política? Argemiro de Figueredo! Na música? Sivuca!
Nas comunicações? Chateaubriand! Na Literatura?
Zé Lins! No esporte? Pelé, claro, tão grande, quanto eterno.

Os perfis destas e de outras personalidades únicas são ricamente traçados por um dos intelectuais paraibanos mais sólidos, o jornalista e escritor, Ipojuca Pontes.

No livro "Os Grandes do Nosso Tempo" temos a chance de conhecer melhor as histórias de quem marcou a História em mais um lançamento robusto que você encontra na **Livraria A União**, no Espaço Cultural.



transformando vidas
pela música

Escola de
Música Sesc
Dom Ulrico

Sesc
Fecomércio
Senac